



JOSÉ DA SILVA MAIA FERREIRA

ESPONTANEIDADES DA MINHA ALMA

Às Senhoras Africanas

Reprodução fac-similada da edição de Luanda de 1849

JOSÉ DA SILVA MAIA FERREIRA

Espontaneidades da Minha Alma

Às Senhoras Africanas

Reprodução fac-similada da edição de Luanda de 1849

Introdução e organização por Francisco Topa



Porto

Capa de Helena Gaspar

Depósito legal
449974/18

ISBN
978-972-98629-8-4

Porto • 2018

*Para Francisco Soares,
investigador e colega exemplar*

Índice

Uma edição necessária mas não suficiente	7
<i>Esportaneidades da minha alma</i> – Reprodução fac-similada da edição de 1849	21

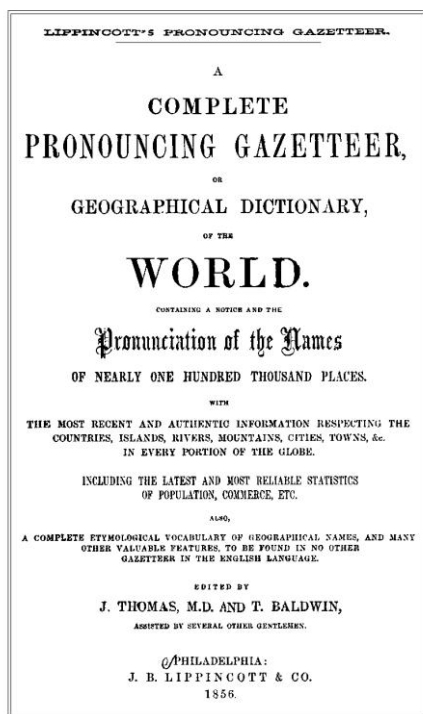
Uma edição necessária mas não suficiente

De seu nome completo José da Silva Maia Ferreira Medeiros Matoso de Andrade Câmara (Rougle, 1991: 184), o autor de *Espontaneidades da Minha Alma* é considerado o primeiro poeta angolano, embora, em bom rigor, o título devesse ser substituído pelo de primeiro natural de Angola a publicar um livro de versos, dado que outros antes dele escreveram poesia em Angola. Desde a descoberta moderna do volume, anunciada pelo professor germano-americano Gerald Moser em 1967, e sobretudo desde a sua republicação, organizada pelo mesmo estudioso em 1980, multiplicaram-se os estudos sobre este pioneiro da literatura em Angola, inclusive ao nível da biografia, estabelecida com precisão por Carlos Pacheco (1990, 1992 e 1996) e William P. Rougle (1991 e 1993). Esse trabalho não está porém concluído: na última década, Francisco Soares tem feito uma paciente “peregrinação às fontes”, com resultados interessantíssimos que vai dando a conhecer em colóquios da especialidade.

Sabemos assim que Maia Ferreira nasceu em Luanda, a 7 de junho de 1827, no seio de uma família euro-angolana de comerciantes e militares, e que faleceu no Rio de Janeiro, de tuberculose mesentérica, a 18 de outubro de 1867. Aos sete anos, na sequência da derrota do partido miguelista a que o seu pai estava ligado, acompanha a família para o Rio de Janeiro. Regressa a Luanda em 1845, ocupando durante dois anos diversos cargos na administração pública, incluindo o de secretário interino da comissão mista luso-britânica que visava a completa abolição do tráfico escravagista. No biénio seguinte estabelece-se no Brasil, datando desse período a sua colaboração na *Lisia Poetica*, dirigida por José Ferreira Monteiro. Em 1849, verifica-se um novo regresso a Angola e o nosso autor volta a ocupar diversos lugares públicos, primeiro em Benguela e depois em Luanda. É durante a sua permanência na primeira daquelas cidades que vem à luz o seu livro *Espontaneidades da Minha Alma*.

Em 1851, segue para os Estados Unidos da América, dando início (ou retomando) uma carreira comercial. Casa, em 1853, com Margaret Butler (*1827 †1885), com quem teria três filhos, um deles falecido em tenra idade.

É deste período a sua colaboração, como correspondente, em dois jornais do Rio de Janeiro, o *Jornal do Comércio* e o *Correio Mercantil*. Participa também, como foi revelado por William Rougle (1991: 184 e 188), no *Lippincott Pronouncing Gazetteer*, de cujo organizador era cunhado.



Nos anos seguintes, divide a sua vida entre os Estados Unidos e o Brasil, com deslocações, entre outros destinos, a Cuba e Portugal. Estabelecido nos últimos anos no Rio de Janeiro, vem a falecer nessa cidade aos 41 anos de idade.

Esta rápida síntese biográfica permite perceber em Maia Ferreira um certo cosmopolitismo e uma considerável experiência de vida acumulada numa existência relativamente curta. Além disso, como já foi observado por Salva-to Trigo (2002: 11), revela a sua escassa vivência angolana: depois dos sete primeiros anos da infância, o autor de *Espontaneidades da Minha Alma* só viveu em Angola mais quatro anos, não consecutivos, no início da fase adulta da sua existência. A sua formação, pessoal e cultural, ocorreu assim num Brasil que tinha chegado à independência havia pouco e no quadro mental característico do Portugal imperial de oitocentos, o que ajuda a compreender

Uma edição necessária mas não suficiente

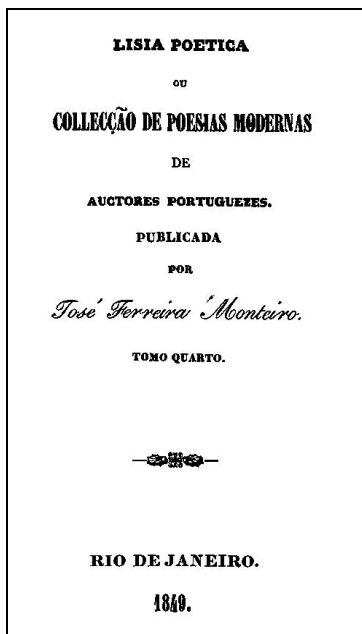
as suas referências e influências literárias, a sua visão de África e a escassa representação de Angola nos seus poemas.

xvi		PREFACE.	
to cite the names of all the different persons whom we have consulted in regard to questions of this kind. It is, however, due to justice and to the character of our work, that we should express our particular obligations to a number of gentlemen to whom we are deeply indebted, not merely for important information respecting the names of different foreign countries—unattainable from any other source—but also for the unfailing courtesy and kindness with which our oft-repeated applications have ever been received.			
Justice, however, requires us to state distinctly, that these gentlemen are in nowise responsible for any errors that may occur in our gazetteer; it being impossible, in a work like the present, (in which the names of each country are scattered through the entire volume,) to avail ourselves of the benefit which might result from their revision.			
<p style="text-align: center;">Signor V. DE AMARELLI, Professor of the Italian language and literature in the University of Pennsylvania; also Professor of the French and Spanish languages and literature in the Polytechnic College of Philadelphia.</p>	}	FOR THE KINGDOMS OF ITALY AND THE ITALIAN SETTLEMENTS OF DALMATIA AND CRETE.	
<p style="text-align: center;">HERT TORREN BILLE, Chargé d'Affaires of Denmark.</p>	}	FOR DENMARK.	
<p style="text-align: center;">C. S. BUXTON, Esq., Many years an officer in the British service in India.</p>	}	FOR INDIA.	
<p style="text-align: center;">M. F. DROUIN, Formerly Professor of Rhetoric in the University of France.</p>	}	FOR FRANCE.	
<p style="text-align: center;">M. GARDEL, Professor of French in the city of Philadelphia.</p>	}	FOR PORTUGAL AND BRAZIL.	
<p style="text-align: center;">Senhor JOSÉ DA SILVA MATA FERREIRA.</p>	}	FOR SPAIN AND SPANISH AMERICA.	
<p style="text-align: center;">El Señor DON FELIX MIERNO, Formerly Professor of Spanish in the University of Pennsylvania.</p>	}	FOR RUSSIA AND POLAND.	
<p style="text-align: center;">HENRY KULBESOWSKI, Esq., Interpreter of languages at Washington, D. C.</p>	}	FOR THE NETHERLANDS.	
<p style="text-align: center;">DANIEL L. KUPFER.</p>	}	FOR GERMANY.	
<p style="text-align: center;">EDWARD MÜHLENBRUCH, Professor of Ancient and Modern languages.</p>	}		
<p>For the pronunciation of names of Great Britain and of the various colonies of the British empire, as well as of the anglicized forms of well-known foreign names, and for other important information of a more general character, we cannot forbear to express our great obligations to</p>			
<p>G. D. MATTHEW, Esq., Her Britannic Majesty's Consul for the State of Pennsylvania.</p>			
<p>It may be remarked with regard to those names which are written in Roman letters, but spelled differently in the different European languages, (as AVIGNON, VIENNA, VENICE, &c.,) that the diversity of spelling is to be attributed to the same cause as the diversity in the mode of writing Oriental names, that is, to each nation endeavoring to represent the sound of the foreign name according to the letters of its own language. Names of this class, as might be expected, will be found nearly always to belong to places of note, since it is only those well known foreign nations, that would be likely to become thus corrupted. The various spellings in question originated in those ages when but a very small proportion of the people could read and write, and men learned the names of places by the ear only.</p>			

Página do *Lippincott Pronouncing Gazetteer*
com a referência à colaboração de Maia Ferreira

Quanto à obra, foi possível verificar nos últimos anos que ela não se limita a *Espontaneidades da Minha Alma*, embora tenha por centro esse volume. Assim, sabemos hoje que alguns dos poemas incluídos na edição de 1849 tinham saído pouco antes nos cadernos de *Lisia Poetica*, organizados no Rio

de Janeiro por José Ferreira Monteiro. Gerald Moser identificou um total de cinco composições (a que se junta uma outra, de António Pereira da Costa Jubim, amigo de Maia Ferreira), publicadas em 1848, no tomo III (Moser: XXII). São elas: “Improvisio.” (poema 20 de *Espontaneidades*), pp. 183-184; “A noite.” (poema 4 do livro), pp. 242-244; “A Carlinda.” (poema 21), pp. 266-267; “Uma noite de Natal.” (poema 5), pp. 270-272; “Belleza sem amor.” (poema 26), pp. 307-308. Não se apercebeu contudo o professor germano-americano de que dois outros poemas tinham saído no volume seguinte, de 1849: “Leonor” (sextilha acróstica, que não consta de *Espontaneidades*, estando assim inédita em livro), p. 24; e “Revelação de um sonho.” (poema 3), pp. 25-28. Comparando as versões dos textos saídos na *Lisia* e em *Espontaneidades*, verifica-se que as variantes são poucas e pouco significativas. A diferença maior consiste na supressão, na edição luandense, das datas e lugar de composição.



Para além desses sete poemas, quatro outros foram publicados no *Boletim do Governo Geral da Provincia de Angola*: “Dedicação ao Exm.º Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.” (poema 1 de *Espontaneidades*), no n.º 208, de 22/09/1849, pp. 4-5; “Aos annos de Sua Alteza o Principe Real o Sr. D. Pedro d’Alcantara” (poema 46 de *Espontaneidades*), no mesmo n.º, p. 2; “A

Uma edição necessária mas não suficiente

Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Fernando II.” (poema 50), no n.º 214, de 03/11/1849, p. 3; e “A Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II.” (poema 52), no n.º 236, de 06/04/1850, p. 3. É possível que haja no *Boletim* uma quinta composição do poeta luandense: como sugere Moser (p. XXV), poderá ser de Maia Ferreira um carne assinado com as iniciais “M. F.”, dedicado ao aniversário natalício da rainha e começado pelo verso “Que importa que os homens maldigam ousados” (n.º 288, de 05/04/1851, p. 3). Embora não tenha particular interesse estético, creio que se justifica a sua divulgação:

A SUA MAGESTADE A RAINHA.

Ma Reine est un but à ma Lyre.
MALHERBE.

Que importa que os homens maldigam ousados
Da Lyra, por minha, tão pobre a tanger? —
Se a Patria das Quinas tem dias sagrados —
Quem póde este dia na mente esquecer?! —

Eu não — que minh’alma bem sente este canto
Do imo do peito nascendo em primôr —
Dos lábios saindo no peito penetra
A Letra que eu canto sem fel, e sem dôr!

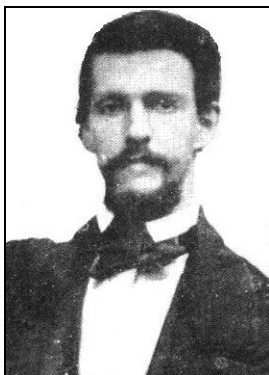
Gloria pois a Deus no mundo
Qu’inda em cávo profundo
Nos faz raiar o prazer —
Gloria a ti NOBRE RAINHA —
Nessa vida primorosa,
Em que por Palma viçoza
De tuas santas virtudes
Sempre sempre a recender —
Um mesquinho canto na Lyra
Eu só posso oferecer! —

M. F.

O último caso de poemas com dupla publicação corresponde a “Amor e loucura” (reformulação do poema 21, “Carlinda.”), que saiu postumamente no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1879*.

O *corpus* poético de Maia Ferreira inclui ainda três inéditos divulgados por William P. Rounge em 1993 (pp. 26-7), a partir do espólio americano do

autor, depositado na Torre do Tombo desde 2012¹: “Pedroiços – o flagelo – o mundo, e eu”, “A flor sonhada” e “Porque sempre assim sorris?”. Datados de Pedrouços, outubro e novembro de 1858, faziam parte do álbum de Maia Ferreira. Três anos depois, Carlos Pacheco (1996: 57-60) deu a conhecer o poema «O exilado», que havia saído em *O Peneireiro* (n.º 94, de 06/07/1855), dirigido por João d’Aboim.



Pormenor de uma foto
de José da Silva Maia Ferreira

A lista dos escritos do autor de *Espontaneidades* não se resume porém à poesia. Para além da colaboração já referida nos dois jornais cariocas e no *Lippincott Pronouncing Gazeteer*, existe um volume considerável de correspondência, maioritariamente em inglês, que foi conservada no espólio da família americana, e a notícia – divulgada num prospecto de 1855 – de um projeto de livro intitulado *Memórias Íntimas dum Africano*, que até hoje não se sabe se alguma vez chegou a ser escrito.

Depois desta rápida observação sobre o *corpus* da obra de Maia Ferreira, consideremos a edição de 1849 de *Espontaneidades da Minha Alma*. O primeiro comentário talvez deva ser feito em forma de pergunta: por que motivo publicou a Imprensa do Governo (que era a única tipografia do território) este livro? Ter-se-á tratado de uma edição paga pelo autor? Não havendo, pelo menos para já, resposta, a verdade é que o facto não pode deixar de ser considerado estranho: embora o *Boletim Geral*, de início o único órgão de

¹ A assinatura formal da doação ocorreu a 21 de junho de 2013, integrada num colóquio promovido pela Torre do Tombo e associado à exposição *Espontaneidades da Minha Alma. Às Senhoras Africanas*.

Uma edição necessária mas não suficiente

imprensa, incluísse com alguma regularidade textos poéticos, não são conhecidos casos idênticos, nem antes nem depois. É certo também que, à data, Maia Ferreira é um funcionário da administração colonial, mas os postos que vai ocupando são de segundo plano. Por outro lado, a circunstância de ter dedicado algumas das composições ao governador Adrião da Silveira Pinto não parece suficiente para justificar um patrocínio.

⇒ 24 ⇐

Calou-se o côro sagrado
Na minha imaginação;
Findaram preces nocturnas:
Tudo resta em solidão.

Uma hora despede o bronze !...
Cesse da noite o louvor;
Não mais na lyra s'escutem
Harpejos d'um trovador.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1847.

FELIPPE ANTONIO D'OLIVE

—
Finda Virgem do Amazonas,
Escutae teu Trovador !
Oh ! quem me déra nest'hora,
Za vossa voz de candor,
Ouvir á BELLA das bellas
Epetir-me o seu amor !

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1849.

JOSÉ DA SILVA MAIA FERREIRA.

A sextilha acróstica publicada em *Lisia Poetica*

A segunda pergunta que cabe fazer está de algum modo relacionada com a primeira: como se explica que só três exemplares tenham chegado até nós? Ainda que se desconheça a tiragem da edição, é de crer que ela não tenha sido assim tão escassa e que o autor tenha enviado volumes pelo menos para os seus familiares e para os seus amigos poetas do Rio de Janeiro (sobretudo os colaboradores de *Lisia*) e de Lisboa (o seu livro de *autógrafos* mostra que manteve relações de amizade com um número considerável de literatos lusos, alguns de certa nomeada, como Bulhão Pato, Latino Coelho ou Luís Augusto Palmeirim). Se assim foi, como interpretar a não conservação desses volumes e o total silêncio crítico (à luz do que atualmente sabemos, não há sinais de comentários na imprensa nem em correspondência particular)?

A terceira pergunta tem a ver com um aspeto material da edição até hoje ignorado pela crítica: o que explica um tão grande número de gralhas e tantas falhas na pontuação? A impressão terá sido apressada por qualquer razão que hoje desconhecemos ou não terá sido diretamente acompanhada pelo autor? Ainda que não haja resposta para nenhuma destas questões e que sejam escassas as perspectivas de algum dia as obtermos, creio que é importante que as formulemos.

Revelada a sua existência por Gerald Moser em 1967, *Espontaneidades da Minha Alma* só voltaria a ser publicado em 1980, numa edição que foi reproduzida ou serviu de base às três que até hoje vieram a lume: as de 1985 e 2013, pela União dos Escritores Angolanos, e a de 2002, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Não querendo de modo algum pôr em causa o trabalho e os muitos méritos da publicação organizada por Moser, a verdade é que ela apresenta muitas falhas que tornam necessária esta e, como explicarei mais à frente, outra edição.

Passo a justificar a afirmação anterior. Sobre os critérios da sua edição, Moser diz apenas que atualizou a ortografia e que manteve a paginação original, princípios que à partida não suscitam grandes reservas. Contudo, examinado com cuidado o seu trabalho, verifica-se, em primeiro lugar, que a atualização ortográfica tem às vezes repercussão fonética: na sua edição lemos *Túnis* quando no original vinha *Tunes*, *empinado* em vez de *impinado*, *repousaste* em lugar de *repoisaste*. Ora, sendo a dimensão sonora, um aspeto essencial da poesia, a questão deveria ter sido objeto de uma ponderação mais cuidada. Obviamente que é defensável a solução por que optou o professor germano-americano, mas ela não é a única nem a mais natural, sobretudo quando o leitor não é informado do processo.

Outro caso diz respeito à restituição da vogal que foi objeto de apócope. Maia Ferreira elide com muita frequência – mas não sempre – a vogal final de uma palavra quando o vocábulo seguinte começa também por vogal, sinalizando a supressão através de apóstrofe. Exemplos: *d'alma* ou *nest'istante*. Moser optou habitualmente por restituir a vogal, mas há casos em que o não fez, caindo assim numa incoerência que precisaria de justificação. Por outro lado, nem sempre é óbvia a vogal que foi suprimida: *d'alma* tanto pode corresponder a *de alma* como a *da alma*. Trata-se certamente de um pormenor, mas com um significado que não deve ser desconsiderado. Há de resto casos mais graves, uma vez que a alteração introduzida tem repercussão métrica. É o que acontece no poema 8, “Uma recordação”, no v. 43: *E tão stéril, qual erma campina* (p. 35 da edição de 1849, que usarei sempre como referência). Corrigindo a aférese, com a passagem de *stéril* a *estéril*, Moser acrescenta ao verso mais uma sílaba, deixando este de ser eneassílabo. Algo de semelhante acontece no v. 13 do poema 25, “Sinto!”: *Stá bem lacrado* – (p. 71). Neste caso, a grafia *Está* do editor moderno anula o tetrassílabo, pondo em causa a harmonia da estrofe e do poema.

Esta questão da métrica articula-se de resto com outros pontos da atualização que passaram despercebidos a Moser. É o caso da acentuação. Veja-se o v. 41 do poema 1, “Dedicação/ Ao Exm.º Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.”: *A meritoria Escolha! – Saüdemo!* (p. 10). Se observarmos com atenção, o acento na última palavra está a sinalizar a diérese, obrigatória para que o verso possa ser lido como decassílabo heroico. A atualização correta deveria ter sido pois a transcrição com trema (*Saiüdemo*) e não, como fez Moser, a mera supressão do acento agudo.

Outro caso com repercussão na arte poética do texto é a passagem de uma forma como *mi*, já no século XIX arcaica, para *mim*: trata-se do v. 20 do poema 14, “Ella a sorrir!”, em que na edição original se lia – *Dizendo-me a mi* – (p. 50), o que permitia a rima, toante, entre *mi* e *sentí*, possibilidade que desaparece com a atualização levada a cabo pelo editor moderno.

Pouco frequente mas também significativa é a questão das maiúsculas, de que apresento dois exemplos de sinal contrário: no v. 80 (p. 15) do segundo poema, “A minha terra.”, ocorre *portuguez*, que Moser converte em *Português*; no v. 27 (p. 120) do poema 48, “Hymno/ Ao Excellentissimo Senhor Adrião Accacio da Silveira Pinto.”, *Patria* passa a *pátria*.

Além dessas, o editor moderno faz uma série de outras atualizações que não assinala e que estão longe de ser consensuais. Uma delas diz respeito ao uso do travessão, que Maia Ferreira usa frequentemente com um valor de pausa, idêntico ao da vírgula. Em alguns casos, o africanista respeitou esse sinal; noutros casos, transformou-o em hífen, formando estranhas palavras por justaposição: *Em novos carmes*, **suave-grato incenso** (p. 27), **Sonoro-mavioso**, *inspirado por Deus* – (p. 54) ou **Negros-negros a mirar** (p. 85). Ainda ao nível da pontuação, o editor mexeu no texto mais do que seria aconselhável, tanto mais que não teve o cuidado de advertir o leitor quanto a essas intervenções. Assim, se por um lado introduziu vírgulas, necessárias, em final de verso ou para isolar vocativos e apostos e suprimiu algumas outras que não se justificavam, por outro lado realizou transformações de maior significado, como a substituição de ponto e vírgula por vírgula no v. 26 (p. 43) do poema 11, “A minha estrella!”. Tudo isto seria aceitável se fosse sinalizado e se o procedimento fosse uniforme, o que não acontece também noutros aspetos.

A título de exemplo, refira-se a passagem de *porque* com valor interrogativo a *por que*, patente no poema 19, “Porque podes duvidar?”: no v. 1, *Ingrata porque motivo* (p. 61), Moser grafa **por que**, mas não adota igual procedimento no título... Outro caso, de significado maior, tem a ver com as formas *descantar* / *decantar*, que são similares mas não iguais. No poema 2, “A minha terra.”, Maia Ferreira usa ambos os verbos, sendo de presumir que o faça de forma consciente e intencional. Moser, contudo, sem o assinalar e sem o explicar, transforma alguns dos casos do primeiro tipo em formas do segundo verbo: por exemplo, no v. 58, *descantem* (p. 14) > *decantem*; no v. 63, *descanta* (p. 14) > *decanta*. Noutras ocorrências, porém, conserva a forma original: por exemplo, no v. 66 e no v. 69, *Decantára* (p. 15).

A par dessas e de outras atualizações, Moser conserva – de modo incompreensível – formas que são meramente etimológicas, sem valor fonético diferenciado: é o caso de *psalmo* (pp. 28 e 97) e *fea* (p. 105).

Como disse atrás, a edição *princeps* apresenta uma série de gralhas, algumas das quais são facilmente corrigidas pelo editor moderno, que se dispensa de assinalá-lo. É o que acontece, por exemplo, com *logínquo* (p. 21). Há casos porém em que a emenda introduzida constitui um erro: é o que se verifica no v. 47 do poema inicial. Na 1.^a edição, lemos: *D’insensos gelados* (p. 11); na publicação de Moser, passamos a ter *D’intensos gelados*, o que, para além de ser uma anomalia morfossintática, não se adequa ao contexto.

Vejam os enunciadores apela a que se teça, em honra de Acácio, uma palma “virente”, “despida/ D’incensos gelados” e “revestida” “De odores” “De brilho e de primor”, “fadados” “Na estima, e no amor!”. Da mesma forma, no poema 40, “D. Beatriz.”, não se justifica a emenda introduzida no v. 114 (de *macerados* para *maceradas*, p. 100), dado que o referente é *olhos* e não *lágrimas*; no v. 116 do mesmo poema, também não é correta a passagem de *Novas* para *Nova* (p. 100), tanto mais que o termo, no sentido de *notícias*, é habitualmente usado no plural.

Mais grave talvez é a introdução de novas gralhas. A mais significativa é a atribuição a Maia Ferreira de um texto que não é seu: refiro-me ao poema 28, “A uma joven!” (pp. 74-75), assinado na edição *princeps* com as iniciais J.S. Com esta correção, passam a ser três os textos de outros autores incluídos em *Espondaneidades da Minha Alma*: os outros dois são o poema 7, “A uma creancinha.” (pp. 31-33), de António Pereira da Costa Jubim, e “Aos annos de minha mulher.” (pp. 113-116), de José Justiniano da Cruz Forte.

Quanto a outras gralhas, limito-me a apresentar os casos mais significativos. No poema 4, “Amo o silêncio da noite!”, a forma correta do v. 18 é *Quando em lua prateada* (p. 25) e não *Quando em luz prateada*; no v. 47 do mesmo poema, deve ser (...) *em longes terras* (p. 26), em lugar de (...) *em longas terras*; no poema 9, “A ella.”, o v. 93 é *Por vós inspirada!* (p. 39), em vez de *Por nós inspirada!*; no poema 10, “À saudade.”, na epígrafe de Gonçalves Dias – retirada do poema “Queixumes”, de *Segundos cantos* –, o certo é *Teu amor me deixaste nos braços* (p. 40) e não *Teu amor me deixas e nos braços*; no poema 27, “Os teus olhos!”, deve ler-se no v. 8 *Que desses eu já descri* – (p. 73), em lugar de *Que desses eu descri* –; no poema 38, “O canto do nauta!”, no v. 4, o certo é *Miro nos céus as estrellas* (p. 89), em vez de *Miro no céu as estrelas* e, no v. 88, *E na immensidão destes mares* (p. 92) e não *E na imensidade destes mares*; no poema 40, “D. Beatriz.”, a forma original do v. 92 é *E ao longe p’la brisa açoitado* (p. 99) em vez de *E ao longe p’la brisa açodado*; no poema 46, “Aos annos de Sua Alteza o Principe Real o Sr. D. Pedro de Alcantara.”, falta um verso, que seria o 17.º: depois de *Que tanto extasia* – (p. 117), deveria estar *Que tanto delira*; para terminar, no poema 49, “Um pensamento!”, o v. 30 deve ser *No pó do sepulchro p’ra sempre morreu!* (p. 123) e não *No pé...*

Perante a exemplificação acabada de apresentar, creio que fica mais do que justificada a necessidade de uma nova edição de *Espontaneidades da Minha Alma*. Falta contudo explicar o porquê de uma edição fac-similada. Embora não se possa dizer que se trata de uma forma de publicação obsoleta, a verdade é que a facilidade de aceder e reproduzir documentos que caracteriza a nossa época tornou a reprodução por fac-símile pouco comum. Creio, contudo, que este caso justifica a opção, dado que, pela sua posição cronológica na história da literatura em Angola, se trata de uma obra muito valorizada, a que acresce a circunstância de as edições existentes apresentarem uma série de lapsos e de só se conhecerem três exemplares da publicação original: dois em instituições públicas, o da New York Public Library e o que pertenceu à Diamang e integra hoje a biblioteca do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra²; um em mãos particulares³. O primeiro exemplar está de há algum tempo a esta parte disponível *online*⁴; quanto ao segundo, creio que a sua localização exata era desconhecida ou estava pouco divulgada. Assim, e tanto mais que o exemplar hoje em Coimbra nunca foi usado para reedições, creio que é útil uma edição fac-similada que o tome por base, embora lhe faltem⁵ as páginas preliminares referidas por Moser.

A edição que a seguir se apresenta foi “retocada” do ponto de vista fotográfico: depois da digitalização do original, a cor do fundo foi harmonizada e a tintagem dos caracteres foi melhorada, de modo a facilitar a leitura.

Como atrás ficou dito, este não é ainda o estágio final desejável da edição da obra de Maia Ferreira. Uma vez dada a conhecer a *editio princeps*, é necessário preparar uma publicação com outras características: uma edição que reúna toda a obra do autor e não apenas os poemas de *Espontaneidades*; que assinale as variantes de textos que tiveram mais que uma edição; que atualize criteriosamente o texto e que o corrija quando necessário; que pondere uma outra disposição das composições; que dê continuidade ao trabalho de Mo-

² A cota do livro é D-909.

³ Do bibliófilo de origem cabo-verdiana Daniel Nunes. Cf. MARQUES, Susana Moreira (2014). Outra forma de luta. *Público*. 28 de dezembro.

⁴ <<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ien.35556035427491;num=5;seq=5;view=image;page=root;size=100;orient=0>> [Consult. 09/04/2018]. A versão disponibilizada não corresponde exatamente à descrição de Gerald Moser, uma vez que falta a página do anterrostro com o nome do autor e a indicação de se tratar do “Volume Primeiro” de “Poésias”.

⁵ Embora o volume não tenha sinais de elas terem sido arrancadas.

ser, inserindo as notas necessárias ao bom entendimento do texto, valendo-se para isso dos resultados trazidos pelas investigações das últimas décadas. Seja-me permitido exemplificar este último aspeto: o prefácio de Maia Ferreira tem sido muito comentado pelos estudiosos, mas, tanto quanto julgo saber, ninguém atentou ainda na epígrafe de Pope. Uma edição com as características que referi deve identificar a fonte com precisão, dizendo que se trata dos vv. 100-101 da *Part I* de *An Essay on Criticism*, publicado em 1711. Mais ainda: deverá notar que a provável fonte – da leitura e da tradução – foi a edição carioca de 1810: *Ensaio sobre a Critica de Alexandre Pope Traduzido em portuguez pelo Conde de Aguiar, com as Notas de José Warton, do Traductor, e de outtros; e o Commentario do Dr. Warburton* (Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1810). Embora o esforço necessário ultrapasse a qualidade estética da obra de Maia Ferreira, uma tal edição sinalizará também a maturidade atual dos estudos literários angolanos.

Referências

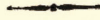
- (1849-1850). *Boletim do Governo Geral da Provincia de Angola*. Luanda: Imprensa do Governo.
- FERREIRA, José da Silva Maia (1849). *Espontaneidades da Minha Alma. Às Senhoras africanas*. Luanda: Imprensa do Governo.
- _____. (1980). *Espontaneidades da Minha Alma: Às Senhoras Africanas*. 2.^a edição. Texto actualizado da edição de Luanda, 1849, editado com uma introdução por Gerald Moser. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1985). *Espontaneidades da Minha Alma: Às Senhoras Africanas*. 3.^a edição. Texto actualizado da edição de Luanda, 1849, editado com uma introdução por Gerald Moser. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- _____. (2002). *Espontaneidades da Minha Alma*. Prefácio de Salvato Trigo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2013). *Espontaneidades da Minha Alma*. Introdução por Gerald Moser. Luanda: União dos Escritores Angolanos. (Col. 11 clássicos da Literatura Angolana).

- (1848 e 1849). *Lisia Poetica ou Collecção de poesias modernas de auctores portuguezes*, publicada por José Ferreira Monteiro. Tomos III e IV. Rio de Janeiro.
- MARQUES, Susana Moreira (2014). Outra forma de luta. *Público*. Lisboa. 28 de dezembro.
- MOSER, Gerald (1967). African Literature in Portuguese: The first written, the last discovered. *African Forum*. New York. 2, 4 (Spring), pp. 78-96
- (1878). *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1879*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ..
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de (1990). “O primeiro livro de poemas publicado na África portuguesa”. In *Reler África*. Apresentação, revisão e nota bibliográfica de Heitor Gomes Teixeira. Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. (Publicado originalmente em *Ocidente*. Lisboa. Vol. LXXIX, 1970).
- PACHECO, Carlos (1990). *José da Silva Maia Ferreira: O homem e a sua época*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- _____ (1992). *José da Silva Maia Ferreira: Novas achegas para a sua biografia*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- _____ (1996). *O Nativismo na Poesia de José da Silva Maia Ferreira: Ensaio*. Évora: Pendor.
- ROUGLE, William P. (1991). José da Silva Maia Ferreira: poeta angolano, correspondente brasileiro, homem de negócios americano. *Colóquio / Letras*. Lisboa. 120, pp. 184-188.
- _____ (1993). O primeiro poeta angolano. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa. 17 de abril, pp. 26-27.

Esportaneidades da Minha Alma

Reprodução fac-similada da edição de 1849

ESPONTANEIDADES DA MINHA ALMA.



ÀS

SENHORAS AFRICANAS.



LOANDA.

IMPRESA DO GOVERNO.

1849.







ÁS MINHAS COMPATRIOTAS.

The gen'rous Critic fann'd the Poet's fire,
And taught the world with reason to admire.
Alexandre Pope.

O Critico generoso assoprou o fogo do
Poeta, e ensinou o mundo a admirar
com razão.

Poesias? — E porque não! — Nesta nos-
sa mocidade em que quasi todos se jactam
de ser poetas — porque tambem o não se-
rei? — Chamar-me-hão vaidoso? — Se-lo-
hei, embora esta minha vaidade seja de cur-
ta duração, — embora as minhas florinhas
produzidas antecipadamente pela prima-
vera — logo murchem ao brotar. Mas não!
— não será assim, porque confio nas vossas
régas, que as salvarão do rigor do ardente
sol da nossa terra, e do halito pestifero dos
zoilos mordazes — levados pela mais furiosa
raiva da inveja, ou da mal cabida critica.

Se avaliardes a minha linguagem, como na culta Europa, muitas vezes, as Senhoras avaliam os homens pelo traje, por sem duvida não encontrareis nas minhas fracas inspirações esse bello e brilhante, que á maneira de prisma, espalha por toda a parte as suas côres vistosas; — mas se d'alma pesardes o que eu tambem d'alma escrevi, — e que ousado só a vós dedico, conheceis, Senhoras, que estes canticos tão pobres, e que de convicção os reconheço despidos de purpuras Reaes — de oiro — e de pedrarias — são cantos do mais intimo

de minha alma, brotados pelo desamor de um fado por algum tempo imigo, que me obrigou, açodado, a vibra-los longe da patria e dos meus, em pobre e dissonante lyra — tangida em só tres cordas — *Deus, Patria e Amor!*

Fóra, bem fóra estou eu do alcance dos virentes louros da musa mantuana, e de muitas outras que tanto extasiaram o mundo inteiro: — de sobra me bastára a do Cysne do Mondego e do Lima, e já que assim não é, por compensação, tende sobre os vossos corações estes meus debeis cantos, — em-

bora vos soprem de continuo aos ouvidos —
que são do mais mesquinho cantor d’Africa
adusta.

Loanda 1.º de Outubro de 1849.

O AUTHOR.

DEDICAÇÃO

Ao Exm.º Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.

Madeiro altivo vem cingrando ao longe
 Per entre as agoas mansas d'esmeraldas,
 Com pavilhão das Quinas Luzitanas,
 Que tremulando pelo meigo sópro
 De suave brisa, — ufano, — as altas grimpas
 D'alcantis primorosos, — saúda altivo!
 E a instantes — repetidos échos sôam
 Reflectindo nas agoas o estampido

D'alguns canhões que tróam!
 E morre pouco e pouco o som nas vagas,
 Annuncio lisongeiro, que alto préga
 A vinda — a excelsa vinda desejada
 Do da Monarca o meritorio Enviado, —
 Do digno Regedor d'África adusta!

Exulta de Benguella, ó povo, exulta,
 Neste dia de dois d'Agosto excelso
 Dia p'ra nós gravado no imo d'alma!

Qual, atravez d'insolitos perigos,
 Vae de soccorro a um filho — o Pai bondoso,
 Tal, entre nós, Accacio da Silveira;
 Sem medo á morte, no rigor de um clima,

— 10 —

Por sóes queimado
De peste insana,
Accode e vóa, melhorando os fados
Da rica terra d'África a seu mando!

Com gesto brando, e com olhar bem fito
Aos int'resses da pátria, — qu'em seu peito,
Com voz d'alma lhe bradam, attento presta
Melhoramentos na Provincia morta,
Pelo mundo olvidada, e só, e triste,
Qu'inda mais fóra, se do avaro
A mente ardida, e as mãos sempre pejudas
Do oiro qu'em seu seio arranca astuto,
Não contivera em bando os que hão brotado!

Mas fadou-nos o Céu tão meiga Estrella,
Em nós já fulgurando, — e tão serena,
Que Fados só de amor, e de venturas
Se nos antolham ricos — e prismados!
Saúdemos — *Deos* — o Regedor do Mundo!
Saúdemos na *Monarcha* — a mui cabida, —
A meritoria Escolha! — Saúdemos!

E um hymno de glória dos Céos emmanado,
Nascido do peito, sentido em noss'alma,
Do côro dos Anjos — por elle inspirado
Cantemos a *ACCACIO* — e teçamos a palma

— 11 —

Virente, e despedida
 D'insensos gelados,
 Mas só revestida
 De odores fadados
 De brilho e primor
 Na estima, e no amor!

Gloria a ti, que nos reges bondoso
 Nestes plainos do ardente torrão,
 Onde a esp'rança já morta renasce,
 Onde é livre, quem livre é Christão!

Já de sobre estes montes voseia
 Essa Lei — qu'escrevestes co'a mão, —
 Santa Lei que de rôjo posterga
 Os martyrios, e dura oppressão.

Tudo corre, e s'apresta anhelante
 Na Cidade, e no campo a bradar; —
 « Viva ACCACIO que n'África rege,
 Qu'em noss'alma sempre hade reinar! »

Gloria a ti, que nos reges bondoso
 Nestes plainos do ardente torrão,
 Onde a esp'rança já morta renasce
 Arvorando o seu nobre pendão!

— 12 —

A MINHA TERRA.*No album do meu amigo João d'Aboim.*

.....
 Recevez donc mon hymne, ó mon pays natal,
 Et offrez-le de bon cœur à qui sut bien chanter
 La riante nature du beau Portugal.
 (Do author.)

Minha terra não tem os cristaes
 Dessas fontes do só Portugal,
 Minha terra não tem salgueiraes,
 Só tem ondas de branco areal.

Em seus campos não brota o jasmim,
 Não matisa de flôres seus prados,
 Não tem rosas de fino carmim,
 Só tem montes de barro escarpados.

Não tem meigo trinar — mavioso
 Do fagueiro, gentil rouxinol,
 Tem o canto suave, saudoso
 Da Benguella no seu arrebol.

Primavera não tem tão brilhante
 Como a Europa nos sóe infiltrar,
 Não tem brisa lasciva, incessante,
 Só tem raios de sol a queimar.

— 13 —

Não tem fructos por Deos offertados ,
Qual mimoso torrão portuguez ,
Não tem rios por Bardos cantados ,
Qual Mondego, nos factos d'Ignez.

Não tem feitos de gloria qu'ao mundo
Orgulhosa se possa ufanar ,
Não tem fado, destino jucundo ,
E se o tem, quem o ha d'anhelar? —

Tem palmeiras de sombra copada
Onde o Sóba de tribu selvagem ,
Em c'ravana de gente cançada ,
Adormece sequioso d'aragem.

Impinado alcantil dos desertos
Lá se aninha sedento Leão
Em covis d'espinhaes entr'abertos ,
Onde altivo repousa no chão.

Nesses montes percorre afanoso ,
A zagaia com força vibrando ,
O Africano guerreiro e famoso
A seus pés a panthéra prostrando.

Não tem Virgens com faces de neve
Por quem lanças enriste Donzel ,
Tem donzellas de planta mui breve ,
Mui airosas , de peito fiel.

— 14 —

Seu amor é qual fonte de prata
Onde mira quem nella s'espelha
A doçura da pomba qu'exalta,
A altivez, que a da féra simelha.

Suas galas não são affectadas,
Coração todo amor lhe palpita,
Suas juras não são refalsadas,
No perjurio a vingança crepita.

Sabe amar! — Mas não tem a cultura
Desses labios de mago florir;
Em seu rosto se pinta a tristura,
Os seus olhos tem meigo lusir.

Minha terra não tem os cristaes
Dessas fontes do só Portugal;
Minha terra não tem salgueiraes,
Só tem ondas de branco areal.

Não tem Vates por Deos inspirados,
Que descantem um Gama, um Moniz,
Que em seus feitos com loiros ganhados
Deram lustre ao nativo paiz.

Não os tem; porqu'a sorte negou-lhe
Do Poeta a divina missão,
Do Poeta, que a patria descanta
Com vangloria, com mago condão.

— 15 —

Se assim fôra — o Vate africano —
Decantára do intimo d'alma
Quem primeiro nos plainos torrados
D'infiéis alcançou justa palma.

Decantára esse filho — Soldado —
D'Albarrota do grão vencedor ,
Que nos brados de guerra soltados
Só mostrava denodo e valor.

Decantára um Conde Barcellos ,
Um Fernando Senhor de Bragança ,
Que aos Mouros filharam Cidades ,
Só tomadas á ponta de lança.

Decantára nas guerras de Tunes ,
De Granada , Marrocos e Fez ,
Das victorias o brado incessante —
Contra mil — do quinhão portuguez.

Decantára um Affonso Gutterres ,
Um Gonçalves , um Nuno Tristão
Que primeiros levaram á pátria
Os captivos do ardente torrão.

Entre estes , tambem decantára
Um Gonçalo de Cintra , que ousado
N'um esteiro nadando morreu
Penetrando Guiné conquistado.

— 16 —

Decantár'os ! — Mas que , minha terra
Não tem Vate por Deos inspirado ;
Não é pátria do divo Camões
Tão poeta , quão bravo soldado .

Não é pátria dos Vates d'America
Qu'em teus cantos , com maga harmonia ,
Na Tijuca em seu cume sentado
Decantaste em tão bella poesia .

Não os tem ; porqu'em terra africana
Não ha Cysne em gentil Guanabára ,
Mais mimosa , mais bella e mais rica
Do que o oiro do meu Ouangára .

Minha terra não tem arvoredos
Tão frondosos , sombrios e bellos
Como os teus , em Palmella risonha ,
Toda envolta em seus verdes cabellos .

Não tem vagas humildes beijando
Os vergeis d'essas serras altivas
Que ora brandas não gemem , suspiram ,
Ora rugem — por ventos batidas .

Minha terra não tem o granito
E o verdor do teu Cintra impinado
Que d'amor suas fallas sentidas
Decantaste por elle inspirado .

— 17 —

Nada tem minha terra natal
 Qu'extasie e revele primor,
 Nada tem, a não ser dos desertos
 A soidão que é tão grata ao cantor.

Mesmo assim rude, sem primores d'arte,
 Nem da natura os mimos e bellezas,
 Qu'em campos mil a mil vicejam sempre,

É minha pátria!

Minha pátria por quem sinto saudades
 Saudades tantas que o peito ralam,
 E com tão viva força qual sentiste,
 Quando no cume da Tijuca altiva
 Meditando escreveste em versos tristes,
 Versos que tanto amei, e que amo ainda,
 As saudades dos lares teus mimosos!
 É minha pátria afanoso o digo!
 Deu-me o berço, e nella vi primeiro
 A luz do sol embora ardente e forte.
 Os meus dias d'infancia ali volveram
 No tempo ao coração mais primoroso,
 Nesses dias ditosos, em que apenas
 Ao mundo dispertado, vi e ouvia
 Por sobre os labios meus roçarem beijos
 Beijos de puro amor, nascidos d'alma
 D'alma de Mãe mui carinhosa e bella!

Foi ali que por voz suave e santa
 Ouvi e cri em Deos! É minha pátria!

— 18 —

E tu Poeta bem fadado ,
Que na gentil Guanabára
Tantos cantos tens cantado
Á tua pátria preclara ,
Recebe este meu canto
De amargór e de pranto ,
Sem bellezas, sem encanto ,
Á minha pátria tão cara.

Vi as bellezas da terra
Da tua terra sem igual ,
Mirei muito do qu'encerra
O teu lindo Portugal ;
E se invejo a lindeza
Da tua terra a belleza ,
Tambem é bem portugueza
A minha terra natal.

Com gloria trago no peito
Esse nome outr'ora forte ,
Que não sei o que foi feito
Do seu presagio de sorte.
E s'inda dorme indolente ,
Bem cantaste , em voz cadente ,
Que ha de surgir potente
Desse lethargo de morte.

Tambem invejo o Brazil
Sobre as aguas a brilhar ,

— 19 —

Nesses campos mil a mil ,
 Nesses montes d'alem mar.
 Invejo a formozura
 Desses prados de verdura ,
 Inspirando com doçura
 O Poeta a descantar.

Nada tem minha terra natal
 Qu'extasie e revele primór,
 Nada tem, a não ser dos desertos
 A soidão que é tão grata ao cantor.

E tu Poeta bem fadado ,
 Que na gentil Guanabára ,
 Á tua pátria tão cara
 Tantos cantos tens cantado
 Tambem recebe o meu canto
 De amargór e de pranto
 Sem bellezas , sem encanto,
 Por minh'alma a ti votado!

Rio de Janeiro. — 1849.



— 20 —

REVELAÇÃO DE UM SONHO.

Vem-nos na vida o prazer ,
 Para a dôr nos mais pungir ,
 Sóbe o mortal p'ra cahir ,
 Gosa para mais soffrer.

A. F. S. CAMPOS E MELLO.

« Sangue ! Sangue ! — Do inferno horriveis scenas,
 « Desviáe-m'as, oh ! meu Deus, por piedade ! »
 — Era este o bradar d'um desgraçado ,
 Que após tremendo sonho , espavorido ,
 Tremulo de terror , julgava ainda ,
 Com ervado punhal , por mão iniqua ,
 O halito da morte estar sorvendo !

Sonhava sobre a face jaspeada
 De candida donzella adormecida ,
 Sem que rubra de pejo ella corásse ,
 Nem dos labios o frémito pudesse
 Attenta ouvir , um casto e doce beijo ,
 De puro amôr nascido , ter impresso.
 — Tambem sonhava já estar cingido
 Por laço de marfim ao niveo colo
 Dessa Virgem , que pura , brando arfava
 Dulcissimos anhelos não scismados
 No embate desta vida attribulada !

— 21 —

Sonhava vê-la
Qual linda rosa,
Sempre viçosa,
E sempre bella.

Tão casta e pura,
Como revella
Brilhante estrella
Em noite escura.

Tão carinhosa
Como a ternura,
Na desventura,
De Mãe piedosa.

Desse extasis de amor a si voltava,
Quando por ferrea mão ao chão prostrado,
Com força viu um ferro, traspassar-lhe,
D'aguda ponta, o adyto do peito,
E com voz de trovão ingente espectro,
Morre! —Perfido! Morre!» —assim bradar-lhe.
«— Tambem sonhava em noite umbrosa e feia,
Em longiquo sanctuario a horas mortas,
Onde languida luz vertendo apenas
De baça lampada luctuosas sombras,
Junto a aras sagradas soluçando
Pudibunda donzella, qu'ajoelhada
De amor juras solemnes repetia:
E quando a dextra sua em laço eterno

— 22 —

Á delle , venerando Sacerdote ,
 Ante o Deus Redemptor p'ra sempre unia ,
 D'improviso no Templo as naves todas ,
 A arcada , e o chão forte tremeram :
 E da lampada a luz , que vacilante
 Seu arranco de morte já exhalava ,
 De trevas inundando o desposorio ,
 Eis subito se mostra o mesmo espectro
 D'hedionda catadura e ferro alçado ,
 Brandindo-o , e sopesando-o até craval-o
 No peito do esposo desgraçado ,
 Qu'envolto em sangue aos seus pés lhe roja
 De amor surdo gemido só dizendo
 E o nome de — Carlinda ! — repetindo .
 — Gargalhada infernal então crepita
 Dos chammejantes labios do assassino ,
 Cujos échos ao longe retumbando
 Do flagicio despertam o sonhador .

Oh ! que dôr angustiada ,
 Lacerada ,
 Em seu peito s'infiltrou ,
 Que se Deus lhe não valera ,
 Suppozera
 Que no sonho se finou .

Mago sopro do Senhor ,
 Nesta dôr ,
 Santa reza lhe inspirou ,

— 23 —

Que rezando-a piedoso ,
 Venturoso
 Logo — logo melhorou.

E esta reza que do peito ,
 Satisfeito
 Murmurando revelava ,
 Era reza contristada
 E ensinada
 Por seu bem que tanto amava.

Era trova mui saudosa ,
 Fervorosa ,
 Gravada em letras d'oiro ,
 Que pudibunda donzella
 Pura e bella
 Lhe offertou como thesoiro.

E o thesoiro era prenda ,
 Com legenda ,
 Neste sonho revelada ,
 Era trova virginal ,
 Sem igual
 Por seu amor inspirada.

« Ó Deus de minh'alma ,
 « Ó doce candor ,
 « Dos justos a palma ,
 « Do mundo Senhor ,

— 24 —

« Uni o meu fado ,
« Já tão desgraçado ,
« Ao fado scismado
« Do meu Trovador ! »

Rio de Janeiro. — 18 de Janeiro de 1849.

AMO O SILÊNCIO DA NOITE!

Amo o silencio da noite ,
O azul escuro do céu ,
As densas nuvens errantes ,
E seu pranto que verteu :
Então a terra se calla
E o mar bravio cedeu
E o negro mocho agoureiro
O seu canto emmudeceu.

Amo o silencio da noite ,
Quando suave instrumento ,
Nest' hora faz olvidar
Agro — passado tormento ;
Quando leve sussurrando
Fresca aragem , brando vento ,
Apressurado nos traz
Algum novo pensamento.

— 25 —

Amo o silencio da noite ,
Quando em lua prateada ,
Modulando amenos versos
Os dirijo á minha amada :
E quando todos dormindo ,
Só eu vejo despertada
A minha sorte cruel
Minha sorte malfadada.

Amo o silencio da noite ,
Lembrando antiga paixão ,
Sonhando os sonhos de amor
Que gosou meu coração :
Oh ! então sinto e lamento
Só ficar recordação
Dessa agora já volvida
Meiga , terna sensação.

Amo o silencio da noite ,
Quando contemplo a dormir ,
O somno de um innocente ,
Que dorme sem o sentir :
Que só idéas fagueiras
Em sonhos lhe podem vir
E que dos males da vida
Não sentio o seu pungir.

Amo o silencio da noite ,
Quando donzella formosa ,

— 26 —

Meiga, triste e pensativa,
Na voz languida e mimosa,
Solta gemidos aos céos
Aguardando mui saudosa
Por seu bem, que em longes terras,
Vive vida tão penosa.

Amo o silencio da noite,
Quando de Deus Creador,
Contemplo o immenso poder,
Seu grande e infinito amor:
Então ufano quizera
Ser sublime trovador,
Que dedicára a meu Deus
Doces cantos de primor.

E já que a lyra não vibro
Com sonóra melodia,
Cantarei como cantou
Poeta d'alta magia:
« Como é bello este silencio
« Da terra todo harmonia,
« Que aos céos a mente arrebatá,
« Cheia de meiga poesia: »



— 27 —

UMA NOITE DE NATAL.

Natus est Jesus.

I.

Ó Templo Sacrosanto ! inspira-me ,
Em novos carmes , suave — grato incenso ,
Para do mundo ao nado Redemptor ,
Hymnos de gloria , em sublimes versos ,
Pulsando a lyra , ufano offerecer !
Mais um canto piedoso agora entôe
Quem máguas de Christão no peito sente ,
E que ante ti , ó Deus tão poderoso ,
Curvado , humilde implora de seus erros
A vénia tua , ó Lume alvinitente
De principio uno e trino egregia próle !

II.

Tange , tange , ó campanario ,
O teu tanger festival ,
Que é hoje dia sagrado
Dia do Santo Natal.

Como correm pressurosos
Velhos , moços e meninos

— 28 —

Ao teu Templo Sacrosanto
Entoando doces hymnos.
Como brilhantes se adornam
Moças, bellas e garridas
Para no Templo rezarem
As rezas d'alma nascidas.

III.

Neste recinto sagrado
Já vozes harmoniosas
Doces soam maviosas
Em um cantico inspirado.

É um psalmo repetido
Por cem boccas fervorosas,
Com off'rendas piedosas
A seu Deus — Homem nascido.

A esse Deus encarnado
Concebido em Nazareth;
Promettido á nossa Fé
Por nosso Deus mui sagrado.

O misterio abracemos
Da melhor das prophecias;
Já é nado o grão Messias,
Hymnos de gloria entoemos.

— 29 —

Tange, tange, ó campanario
O teu tanger festival,
Que é hoje dia sagrado,
Dia do Santo Natal.

IV.

E a par d'hymnos sacros, que aos Céos s'elevavam,
O orgão na Igreja seu canto esparzia:
De Christo os Fieis suas preces oravam,
Clamando — Jesus! — Virgem Santa Maria! —

Depois longas trevas o Templo innundando
Com grave silencio, após tanto folgar,
Se via um mancebo piedoso rezando
Aos pés d'uma Cruz, que brilhava no altar.

Um Bardo esse era, vibrando na lyra,
Na lyra saudosa ignota oração
De su'alma emanada, que doce respira
Effluvios d'amor, de sagrada paixão.



NO ALBUM DA EXM.^a SR.^a*D. C. A. C.*

Se eu fôra o grão Vate d'Argiva potente
 No antro de Delphos iria afinar
 Sua lyra doirada e nella cantára
 Teus magos encantos — teus dotes sem par.

Se divo poder nosso Deus me doára
 O fulgôr dos teus olhos iria roubar ,
 Se eu fôra visão , em sonbo eu quizera
 Teus labios de roza innocente beijar.

De prado luzido se eu fôra uma flôr
 Triste eu dissera — não quero murchar —
 Iria poizar-me em teu seio de neve
 Que assim não podia jámais acabar.

Se eu fôra da Persia Dario famoso
 Meu throno a teus pés eu iria curvar ,
 Se dôce, suave , fagueira avesinha
 Endeixas d'amor te quizera infiltrar.

Mas eu não sou Deus — nem visão — nem florinha
 Nem Vate affamado na lyra a pulsar ,
 Sou louco mancebo que o meu ao teu fado ,
 Ó virgem mimosa , quizera ligar. —

— 31 —

A UMA CREANCINHA.

Dedicação ao meu Amigo

J. da S. Maia Ferreira.

Gentil infante, innocente,
Por que ledo assim sorris?
Oh! quem foi que docemente
Sobre os labios de rubis
Te imprimio com ternura
Doce beijo de candura?
Contas n'um riso a ventura
Que tua voz bem não diz.

Sentiste algum niveo braço
Unir-te ao seio d'amor
Por mui terno, estreito laço,
Com materno almo fervor?
Com doce, innocente inleio
Repoisaste em casto seio
De meiguices, d'amor cheio
Tua face de candor?

Como brincas, innocente!
Como estendes a mão-sinha,

— 32 —

Como pareces contente
P'ra quem meigo t'acarinha?
Tua vida é só folgar,
De collo em collo a pular;
Todos te vem afagar
Como a mui tenra pombinha.

Meu anjo, por que sorris
Esse riso tão do céu?
Como á innocencia condiz
Esse divo sorrir teu!
Oh! troquemos nossa vida—
A minha, aos gozos fugida,
Pela tua, não vivida,
Por teu sorriso sem véo.

És tenro, lindo botão
De mui linda branca rosa,
Vives no seu coração,
É contigo venturosa:
Cresce, cresce, linda flôr,
E que nunca o dissabor
Sobre ti verta o pallor
Da sorte desventurosa.

Em manhã fagueira e bella
Seja o teu desabrochar,
Venha a doce philomela
Os teus dotes decantar;

— 33 —

Possas tu bem conhecer
Do mundo o vero prazer ;
Que não vejas fenecer
Teus encantos , teu gozar.

Rio de Janeiro , 27 de Dezembro de 1848.

Antonio Pereira da Costa Jubim.

UMA RECORDAÇÃO:

Era noite de mui almo luar —
Uma noite em que triste pensava
Em amores que o tempo roubou-me ,
Em Maria que eu tanto adorava.

Toda a terra dormia em silencio ,
Só eu triste na terra velava ,
Nesta terra em que a sorte roubou-me
Os amores que eu tanto adorava !

Foi aqui ! . . A minh'alma o recorda ,
Que tão bella e tão meiga me ouvia ,
Quando a sós nossas juras jurando ,
Só com ella na terra vivia.

— 34 —

Foi aqui, que ora alegre, esquecendo
Este mundo d'espinhos e dôr,
Contemplava o meu anjo da terra,
Me fallando só fallas d'amor!

Foi aqui, que ora em beijos frementes
Os seus labios tocavam nos meus,
E suas faces córando de pejo —
M'infiltravam delicias dos Ceus! —

Foi aqui! . . mas p'ra que recordar
Esses dias de góso passado,
Para que? — se fugio-me a ventura,
Se na terra hoje sou desgraçado? —

Nesta hora d'amarga lembrança,
Nest' instante d'horrivel penar,
Sinto a dôr que nem lagrimas pôdem
Em meu peito faze-la cessar.

Sinto a dôr mais cruel e pungente,
No rigor da mais viva saudade —
Que perfidia de horrenda traição,
Desabrida lançou sem piedade!

Oh! mal haja essa mão impiedosa,
Qu'em meus labios o fel d'amargura
Me roçou, e me obriga a soffrer
Deste mundo a maior desventura!

— 35 —

Oh! mal hajam os meus dias de vida,
 Desta vida de crú vegetar,
 Que delirios de pranto e tormentos
 A existencia m'intentam roubar!

E tão triste, qual rôla que geme,
 E tão murcho, qual flôr desfolhada,
 E tão stéril, qual erma campina,
 E tão mudo, qual fonte estagnada,

Hei de embora p'ra sempre opprimido
 Em tão triste e medonha soidão,
 Adorar-te na vida, e na morte,
 Conservar em meu peito a paixão!

A ELLA.

Na taça onde cuidei sorver doçuras,
 Libei por mãos da ingrata, o fel da morte!...
 JOÃO DE LEMOS.

I.

Sois bella na verdade, mas quanto é falso
 Vosso olhar, vosso gesto e coração!
 Porque de amôr fazeis nutrir esp'ranças
 Quando a ninguem amaes? — Porque dolosa

— 36 —

Fingis dôce sorrir, — meiga soltaes
 Essa voz, cujos sons me vibram na alma?!
 Que destino cruel em vós fadou,
 Com taes encantos, alma já sem brilho!
 Oh! — Porque assim, a mascara infernal
 Com que tanta torpeza encobrieis,
 Tão cedo ante mim a arremessastes? —
 — Os extremos d'amôr que não sentistes,
 As juras vãs que nunca me guardastes,
 E que os vossos labios gota a gota
 Sobre o meu coração cair fizeram,
 Hoje em desprezo e odio se tornaram!
 — Perfida! Quão fallaz, traidora heis sido
 Para quem tanto amôr vos outorgára!!
 — Olvidae o passado, eu vo-lo rogo,
 E agora attenta ouvi, do crime vosso,
 Sua negra relação, seu fim nefasto! —

Inspirae-me, ó minha lyra,
 Minha lyra, meu primôr;
 Sem tí faleço, valei-me,
 Valei-me na minha dôr!

Afinae, ó lyra, a corda,
 Que diga ingratição,
 Tangendo-a, quero cantar
 Do mundo a maior traição!

— 37 —

II.

Qual lympha dos bosques suas agoas correndo,
Tão brandas, tão puras no seu murmurar,
Assim minha vida em seu mago arrebol,
Ditosa fruía venturas sem — par.

Qual flôr expontanea que á beira dos rios
Nasceo, e não teme que a venham ceifar,
Assim minha vida, em seu mago arrebol,
Ditosa fruía venturas sem — par.

Fruía ditosa no seio fagueiro
De Virgens mui santas, de Mãi carinhosa,
A vida scismada de magas delicias,
A vida do mundo a mais primorosa.

Seus labios floriam o riso dos Anjos,
No peito echoando os philtros d'amôr,
D'amôr sacrosanto, por Deos inspirado,
D'amôr que não mente, de Deos Creador!

Que doce fallar escutava a minh'alma,
Sorvendo de um trago seus santos preceitos!
Que doce magia vibrava na voz,
Pintando do mundo seus torpes defeitos!

Cuidava então viver n'um céu de rosas,
Isento dos espinhos roedores,

— 38 —

Do flagício infernal do mundo ingrato,
Que pungem n'alma, qu'o peito ralam!

— Ah! que doce viver então vivi! —
De pesares immune, julgava ainda,
Descrendo das perfídias embusteiras,
Que as negras páginas do Livro eterno
Marcavam em letras d'oiro a minha vida
Só fagueiro porvir se me antolhando!

— Pávido sonho! —

E um dia, em que pensava ainda fruir
Esses gosos da vida tão do céu,
Qu'extasiavam de prazer minh'alma,
Um rosto eu vi, qual outro igual não vira,
De mimos, e d'encantos primorosos,
Que ferindo minh'alma, cri julguei,
Bem louco na verdade — ser um Anjo! —
Ereis vós, sim, Senhora, em quem meus olhos
Ávidos do prazer d'então gosar
Do brilho que nos vossos scintillava,
Sorveram longos tragos desse encanto,
Arroubo dos sentidos, — doce enlevo,
Mago transporte que nascer fizestes
Ao Trovador ingenuo, inexpr'iente!
— Do extasis em qu'absorto contemplava
Os olhos vossos, vossa tez mimosa
Com vôo d'anjo, em amôr tornou-se
O que até então era só culto! —

— 39 —

Amei com amôr do Céu
 Amei com amôr do inferno,
 E se houvera amôr eterno,
 Esse amôr seria meu!

Meu peito sentio
 Com casto pudor,
 As lavas d'amôr,
 Qu'as faces tingiu,
 Com leve rubôr.

Vi logo nascer,
 Com almo prazer,
 Em sonhos doirados,
 Por Deos offertados,
 A vida scismada,
 Por vós inspirada!

.....

 Gosava apenas desse amôr fagueiro,
 Que tão puro ante mim dissimulaveis,
 Com os embustes de mulher sem pejo,
 Qu'em troco d'ouro vil rende á infamia
 O seu pudôr, a sua vida e honra, —
 Quando em tão curto espaço novo amôr,
 No peito refalsado acalentando,
 Ao outro vossas juras fementidas
 Do coração votaveis!...

.....

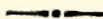
— 40 —

Mas não ! Emmudecer , a mim compete ,
Tão negros crimes em tão tenra idade ! ! . . .

Calla , ó Bardo , a tua lyra ,
Embora tão dissonante ;
Nem siquer seus roucos sons
Merece uma inconstante .

Deverias só cantar
Almos gôzos de primôr ;
Não vibres na tua lyra
Os cantos do desamôr !

Rio de Janeiro 22 de Fevereiro de 1849 .



A SAUDADE.

Inda choro essa noite medonha
Longa noite de má despedida !
Teu amor me deixaste nos braços
Nos teus braços levaste-me a vida !
A. GONÇALVES DIAS .

Não sei que mão de ferro agudo alçada
Com força extrema me comprime o peito ,
Não sei que dôr vigente me lacera
As fibras d'alma .

— 41 —

Escuto os homens que julgava amigos —
Envoltos no prazer do mundo ingrato —
Mostro-lhes minha dôr — a causa inquiero —
Voltam-me o rosto!

Escuto as aves no albor do dia
Em verdes campos cantando amores
Contemplam d'amargura o meu sorriso
E ávidas fogem!

Então procuro as grimpas das montanhas
Onde outr'ora meus echos ressoavam
Vibrados pela lyra em que tangia
Canticos suaves!

E meus echos não são repercutidos
Agora que a saudade os vibra n'alma
— Saudade?! — Ai! tu és meu soffrimento
N'alma o sinto!..



— 42 —

A MINHA ESTRELLA !

Ao meu Irmão e Amigo

LUIZ DE QUEIROZ MATTOZO MAIA.

Nas agoas profundas do pélagó immenso
Na pópa de um barco que os mares varria ,
Attento eu mirava nos céos esmaltada
Estrella brilhante que ao longe fulgia.

E era tão bella , tão nivea e mimosa ,
No seu esplendor , e na sua magia ,
Que longe do mundo , não sei porque sorte
A Estrella brilhando o meu fado dizia :

« Ó Bardo , que máguas no peito alagando
« Teus prantos desatas em trovas sentidas :
« Não és só no mundo , mistura co'as minhas
« Tuas dôres e máguas p'la sorte movidas. »

« Concentra em teu peito , não vibres na lyra
« Os carmes pungidos da vida passada ;
« Não sejas escravo da terra , do mundo ,
« Procura na patria a vida prismada. »

« Mui longe dos gestos tyrannos , fingidos ,
« Que o oiro acalentam , — qual maga virtude ;
« Esquece , despresa , não sintas no peito
« Effluvios de um nome tão féro e tão rude. »

— 43 —

« Tu és inda joven, e pódés na terra
 « O prisma da vida, na vida sorver;
 « Não seas descrido, não queiras de rójo
 « Na terra lançar o que has de obter. »

« Se já fatigado na lide affanosa
 « De tanto soffrer, e de tanto carpir;
 « Revive no mundo, temendo e fugindo
 « Dos rostos fingidos de falso sorrir. »

« Se o embate dos homens de peitos falsarios
 « Na terra te causa tristeza e terror,
 « Procura e abraça tua Mãi, Deus e Patria,
 « Da vida e do mundo o só norte d'amor »

Não sei se era um anjo, se sópro divino
 Quem d'alma estas fallas me vinha infiltrar,
 Não sei que condão, e que forte magia
 Prendiam meus olhos á strella a brilhar.

E a estrella fallou-me — e eu só entendi
 Em maga harmonia — o seu doce fallar —
 Contou-me inda mais, — mas eu callo no peito
 As cousas que á terra não devo contar.



— 44 —

ERA UM ANJO!*No album do Sr. F. V. da Cunha.*

Em uma noite sonhei
Estar sentado junto a mim —
Mimoso Anjo do céu
D'azas brancas de setim —
Era fermoso — innocente,
Quando branda e docemente
De seus olhos descerrava
O ceruleo d'oiro manto
Que mostrava o seu encanto
Que d'amor extasiava.

Sobre mim poisou a face
Sua face de jasmim,
E querendo despertar-me —
De seus labios de carmim
Ouvi com voz sonora
Que arrebatava e que namora
Dizer-me, ó Santo Deus! —
Dôces palavras d'amor
Que exprimiam com fervor
Os ardentes votos seus!

Despertei, e do sonhar
A realidade senti

— 45 —

Não sei se era um anjo
O corpo gentil qu'eu vi :
Porém tinha o seu candor —
Era do mundo o primôr —
E se não era do céo
Porque azas não trazia
Com suave melodia
Repetia o canto seu !

Tinha nos labios candura
Nos olhos meiguice e amor —
Era lindo — como é linda
A primavera da flôr
Era puro como é pura
Na desgraça e desventura
A consoada maternal —
E ingenuo quando dizia
Que o amor qu'elle sentia
Na terra não tinha igual.

Ouvi o anjo da terra
Que p'los do céo me fallava —
Que juras d'eterno amor
Tão meigamente jurava —
Imprimi então um beijo
Que a fez córar de pejo —
Nos seus labios de coral —
E de prazer tão subido

— 46 —

Soltei após um gemido —
O gemido do meu mal!

Neste enleio mergulhado —
Fujamos — eu lhe bradei
Do mundo qu'insano olvida
Da natura a doce lei —
Delle audazes zombemos
E a outro mundo voemos
Onde possamos fruir —
Quer aos roncós das procellas
Quer em céo azul d'Estrellas
A vida do teu sorrir!

A UMA MENINA.

Dedicado

AO ILLM.º SR. F. T. LOBO JUNIOR.

Como és bella, creancinha,
No teu dormir innocente,
És tão meiga, és tão lindinha
Nesse arfar tão docemente!
Semelhas á linda flôr
—No albôr,
Com primôr,
Entre-abrindo brandamente:

— 47 —

És tão bella ,
Qual estrella
A brilhar no céo — fulgente !

És qual limpida corrente ,
Mimosa e bella e pura ,
Que rebenta docemente
D'um rochedo em grande altura.
És o orvalho matutino
Gottejando ,
Rorejando ,
Sobre viçosa verdura :
És a aragem
Na folhagem
Bafejando-a com doçura.

És farol , és doce guia ,
No teu dormir innocente ,
De quem á meiga poesia
Se ha votado e não desmente
A verdade e melodia
Que na lyra
Só respira ,
Só respira magamente.
Que Poeta ,
Qual Profeta ,
Canta d'alma , e nunca mente.

És singella , alva pombinha
Repousando em tronco annoso ,

— 48 —

Quando a sós, e coitadinha
No seu ninho tão mimoso
Outra pomba a acarinha
 Com candura,
 Com duçura,
Em seu somno d'almo goso :
 És como ella,
 Meiga e bella
Neste encanto primoroso.

És o suspiro da vaga
No seu longinquo morrer,
Que lentamente divaga
Na encosta que vae bater.
És a saudade da vida
 Tão querida,
 Já volvida,
Já volvida em meu viver.
 És espr'ança
 De bonança
De quem da vida descrever.

Tu és tudo, e mais ainda
De teus Pais és dôce encanto,
Qu imprimiram em face linda
Innocencia em brilho tanto.
Que em mago e doce enleio,
 D'amor cheio,
 Casto seio
Recebe o meigo pranto,

— 49 —

Quando choras
E descóras,
Envolta em ceruleo manto.

Cresce, cresce, flór mimosa,
Nesse teu desabrochar;
Nunca a vida desditosa
Em ti possa penetrar,
Nunca os rigores da sorte
Desesp'rada,
Malfadada
Possa bárbara mirrar
Essa flór
De primór
Qu'expontanea se pousou
Na minha lyra d'amór,
Qu'este canto m'inspirou!

Rio de Janeiro, 29 d'Abril de 1849.



— 50 —

ELLA A SORRIR!

Dou-lhe a minha harpa d'amor
Pelo seu riso fervente.

J. G. LOBATO PIRES.

Eu vi-a florir
Sem ella sentir
Dos labios um riso
Com bafo mimoso
Qual Anjo fermoso
No seu paraíso
A sorrir!

Mostrava o marfim
De brilho sem fim
Na bócca mimosa
Que maga sorria
E leda dizia
Com voz primorosa
Carmim!

Que riso do Ceu! —
Mas não — era seu
Que bem o senti:
Ninguem m'o contou
Só ella o mostrou
Dizendo-me a mi —
— Eu t'o dou!

— 51 —

Com doce transporte
 Libei minha sorte
 No riso offertado —
 Fui logo a correr
 Às fadas dizer
 Eu quero o meu fado
 Saber —

E as fadas disseram
 Fugi do sorrir
 De mago condão
 Qu'infiltra traição
 E sabe mentir
 Com doce expressão. —

As fadas mentiram
 No seu predizer!
 No riso offertado
 Fui logo apressado
 Seu prisma sorver
 D'amor inspirado.

Esse riso
 Tão donoso
 Terno amor,
 Com candor,
 Só dizia —
 Deixo as fadas
 Mentirosas —

7 *

— 52 —

E no peito
Satisfeito
D'alegria —
Della o riso
Imprimindo
Vou sentindo
Seu ardor !

O SEU RETRATO!

Miserable destin — Quoi vivre sans son âme
Méconnaître l'amour et toujours le rêver ;
Parler sans s'émouvoir un langage de flamme
Peindre un bonheur sans l'éprouver.

MLL.^o DEPHINE GAY.

Ó imagem d'encanto e primôr
Ó do mundo o meu unico idéal, —
Ó das virgens a — virgem d'amor ,
Ó Deidade p'ra mim sem igual ,

Recebe o meu canto
Qu'encerra só pranto
Despido do encanto
Do meigo trovar ; —
Mas d'alma sentido
Por ella tão qu'rido ,

— 53 —

No accento pungido
Que sabe exhalar!

És a imagem mais querida
Formada por Deus no mundo —
És o sorriso da vida
Mesmo em báratro profundo —
És a flôr mais primorosa
Sempre, sempre tão viçosa
Nesse teu desabrochar; —
Que nunca terás na vida
O nome d'emmurchecida,
Porque nunca has de murchar!

Teu rosto exprime a doçura
Do lyrio no despontar,
Quando se ostenta vaidoso
Em seu ramo a baloiçar: —
E teus olhos quaes estrellas
Tem mais fulgôr do que ellas
No firmamento a brilhar —
Porqu'infiltram em minh'alma
Com transporte e doce calma —
— Quanto vale um casto olhar! —

Teus labios de rubra côr
São do mais bello carmim
Quando discerram mimosos —
Murmurando um terno — sim! —

— 54 —

Tem a subida magia
Que transporta e m'extasia
Mesmo na vida a carpir —
Porque esmaga esses profanos
Que se tornarem tyrannos
Descrendo do teu sorrir !

O teu niveo seio — é bello ,
E da mais alta brancura ,
Quando meigo arfa constante
A mais scismada ventura : —
Teus cabellos da côr do oiro
São do mundo o meu thesoiro —
Quando soltas a brilhar ; —
Pois será sempre o teu rosto
O mais divino composto
Que na terra hei de adorar !

EU OUVI:

Vibrada no espaço de noite mui linda
Ferindo minh'alma com maga inflexão
Cadente eu ouvia de um Anjo da terra
Do imo do peito mui terna canção !

Dizia saudade — em accento magoado ,
Sonoro — mavioso , inspirado por Deos —

— 55 —

Tão maga harmonia só era emanada
Do côro dos Anjos — dos Anjos dos Céus !

Casava co'as horas tardias da noite
De noite tão bella , de almo luar —
A voz merencoria qu'attento escutava
Lembrando continua meu triste penar.

Que doce soffrer infiltrou em minh'alma
Os sons desferidos por Virgem mimosa
Dizia o meu fado sem ella o sentir ,
Lembrava-me a vida passada e saudosa !

Ouvi , como ouviram no monte Sinai
Os magos mandados á voz do Senhor ,
Humilde e curvado o meu agro porvir —
Dos labios da Virgem , nos cantos d'amor !

E triste e pungido por este escutar
Que tanto extasiou-me , porque era saudoso —
A passos mais lentos , que a dôr que soffri —
Deixei , apartei-me do canto harmonioso !



A QUEIMA DE UM BOSQUE.

Plus pâle que la pâle automne
Tu t'inclines vers le tombeau !
MILLEVOYE.

Em um bosque , onde eu outr'ora
Divaguei , — se vê queimado ,
Em trevas já não namora
O rouxinol engraçado.
Já não tem inspiração !
Assim dizia com paixão ,
E com dôr no coração
Um mancebo desgraçado.

Ó bosque , que tanto amei ,
Vosso luto é minha sorte ,
Que por elle eu divisei
O meu preságio de morte.
Os orác'los não procuro
P'ra dizerem meu futuro ,
Bem sei que é immaturo ,
Inabalavel e forte.

« O fado dizia ,
Qu'o bosque queimado ,
Eu não viveria ,
Estaria enterrado ! »

— 57 —

E nisto ao longe ardia
 O resto do bosque lindo,
 Quando o mancebo se ía
 Para ahi triste, carpindo.
 Elle foi . . . mas não voltou,
 Que junto aos restos qu'achou,
 De subito expirou,
 De rójo ao chão cahindo!

Um tumulto ergueram
 No bosque fatal;
 E nelle escreveram: —
 — « Fugi do meu mal! » —

Deste ermo solitario
 Ninguem nunca se lembrou;
 Nem bronzeo campanario
 Seus echos alli soou.
 Só á noite se ouvia
 Rijo vento que gemia
 Sobr'a campa, e que dizia —
 — « Ai! — Mortal já eu não sou! » —

RECORDAÇÃO!

De noite mui linda
 Tu queres Arminda

— 58 —

Que lembre-te ainda
Um sonho d'amor ?
Attende bondosa ,
Com alma piedosa
A chamma vap'rosa
Do teu Trovador .

Nos Ceus esmaltadas
De brilho fadadas —
D'encantos rodeadas
Se viam lusir —
Estrellas mimosas —
Mui bellas , — vaidosas —
Tão magas — radiosas —
De casto sorrir !

Mais longe distante ,
Tambem radiante
Se via brilhante
A Lua a fulgir ; —
E os mares bramindo
Dos ventos fugindo —
Estava eu sentindo
Seu forte rugir !

Na pôpa assentado
De um barco açodado
Por ventos soprado
Me puz a pensar

— 59 —

Na vida sonhada
Qu'eu tive passada
Contigo gosada
De mago scismar !

Às vezes eu cria
Com forte magia
Que só eu te via
Comigo a folgar —
Às vezes pensando
Que ouvia-te arfando
Teu seio tão brando
No meu a poisar !

Então extasiado
Do mundo olvidado
Contigo abraçado
Me puz a beijar
Teus labios mimosos ,
Teus olhos fermosos —
Que vinham ferv'rosos
A mente escaldar !

E em fogo divino
Mui casto e mui dino
Vagava sem tino
Em doce candôr
Ao teu abraçado
Não sei se acordado

8 *

— 60 —

Meu corpo extasiado
Nos sonhos d'amor !

Depois despertando
Meus olhos fitando
Te estava mirando
No teu dormir —
Como eras formosa !
Quanto eras mimosa ,
Arminda ditosa
No teu respirar !

Travando da lyra
Que tanto m'inspira
Nos sons que delira
Me puz a trovar —
Cantei o teu rosto —
Divino composto —
A mim só exposto
Que o sei adorar !

Por cum'lo d'anhélos
Teus bellos cabellos
Da côr dos meus zêlos
Me puz a affagar : —
Mas eis que desperto
E vejo-me — é certo —
Já ter descoberto
Que é tudo um sonhar !

— 61 —

Eu vi-te! — E acordado
 O sonho gosado
 Agora lembrado
 Não posso esquecer!
 Fugio-me a ventura
 Tão maga e tão pura —
 Se o sonho não dura
 Porque hei de viver?! —

PORQUE PÓDES DUVIDAR!

Ingrata porque motivo
 Cruel pódes duvidar
 Desse fogo lento e vivo
 Que é hoje o meu penar!
 Foste tu que m'o accendeste
 Que desses olhos quizeste
 Que eu bebesse o seu fitar! —

Qual mimosa e casta flôr
 Desfolhada pelo vento —
 Assim me roubaste o amor —
 Que é hoje o meu tormento.
 Neste martyrio de dôr
 Inda queres com rigôr
 Escaldar meu pensamento!

— 62 —

Queres provas de que te amo?
Desprende dos labios teus
Um desejo que m'inflammo
Mostrar nelle os votos meus!
Exiges de mim a morte?
Em tuas mãos a minha sorte
Entreguei perante os Céus!

Dize, falla, manda, ordena
Com tua casta isenção
Aos tormentos me condemna
Que nunca direi que não —
Quer vivendo leda vida,
Quer em sorte desabrida
Será teu meu coração!



IMPROVISO.

Vi uns olhos garços — bellos,
Bellos como o Creador,
Da vida meigos flagellos,
Do scismar doces anhélos,
Por quem sinto nobre ardor.

Vi um nariz delicado
Com esmerado primôr,
Tão pequeno e afilado,

— 63 —

Que parecia formado
Por pincel d'habil pintor.

Vi uma bôca mimosa
Com labios de rubra côr
Purp'ra e bella como a rosa,
E que dizia dolosa
Meigos — brandos sons de amôr.

Um seio niveo arfando
Tambem vi — que com pudôr,
Mil prazeres pullulando,
Se mostravam disputando
Dos bens da vida o — primôr. —
.....

Emmudece! . . . não mais cantes,
Desditoso trovador!
Não merece taes descantes
Quem da vida a tres amantes
Roubou com traição e dôr! . . .



CARLINDA.

É fado tyranno,
Carlinda mimosa,

— 64 —

O que sofre o meu peito
Por ti que és formosa
E que és meu amor
 Carlinda attende
 Teu triste cantor!

Se extremos concedo
À tua beidade
Vem mão oppressora,
Que sem piedade
Nos enche de dôr;
 Carlinda attende
 Teu triste cantor!

Se o meu ao teu fado
Intento ligar,
Sorte impiedosa
Nos quer separar
Com duro rigor;
 Carlinda attende
 Teu triste cantor!

Porém nem o fado,
Nem mão oppressora,
Nos pôde roubar
Um bem, qu'ê penhora
De Deus — Creador.
 Carlinda attende
 Teu triste cantor!

— 65 —

Sejamos unidos
 Na patria de Deus!
 Recebe os meus votos,
 Meus votos só teus,
 Nascidos de amor,
 Que terno te envia
 Teu triste cantor!

EM QUE ESTÁS TU A PENSAR?

Anjo d'olhos negros, negros,
 Tão da côr da noite escura,
 Tu que sabes meus segredos,
 Tu que lês minh'amargura;
 Porque buscas nessas ondas
 Da furia o rebramar?
 Porque foges de mim sempre,
 Em que estás tu a pensar?

Porque queres brancas velas
 Sobre as aguas a soprar,
 Quando o oiro das strellas
 Brilha, brilha sobre o mar?
 Porque triste estás scismando,
 No d'outrora o meu scismar?
 Se o teu coração palpita,
 Em que estás tu a pensar?

— 66 —

Não reparas nesses ares
Essa pomba a perpassar —
Qual será o seu pressagio —
Vem — oh! vem-m'ò revelar.
Se nos diz qu'ê desventura
Algum dia ha de findar,
Porque queres qu'eu repita
Em que estás tu a pensar?

Mas eu vejo a longe em trevas
Sobrevir a tempestade
Porque esperas? — Foge, fuge,
Teme a sua potestade —
Mas tu ficas triste e muda —
Dize, oh dize o teu penar —
Porque tranquillã só tremes?
Por quem pôdes recear? —

Nada disse — e ainda triste —
Mais que nunca assim ficou —
Os seus olhos me disseram
O que su'alma me jurou.
Estreitando então seus braços
Revelar-me o seu scismar —
Era a certeza da morte —
Que o fazia assim pensar!

Loanda 22 de Outubro de 1849.

— 67 —

O BATEL!

Rema, rema, gondoleiro,
Que bem me faz teu remar,
Corta as vagas, rema, rema,
Prestes corre sem parar.

Solta a véla, cassa a escota,
Deixa o batel voar,
Qu'este andar tão vagaroso
Crua dôr me faz penar.

Que t'importa o rijo vento
Que tão forte vae soprar? —
Solta a véla, gondoleiro,
Corre e vôa sem parar.

Que t'importa o furacão,
E essas ondas a brigar?
Rema, rema, gondoleiro
P'ra o logar que t'indicar.

Vae ao porto do destino
Em que a sorte me fadou
Procurar quem só de amores
Cruelmente me matou.

Quem tambem a vida e a morte,
E o coração me roubou,

9 *

— 68 —

Esse anjo que na terra
Minh'alma idolatrou.

Quem venturas só do Ceo
Magamente m'infiltrou
A mim, que louco d'amor,
Louco e insano me tornou.

Rema, rema, gondoleiro,
Que bem me faz teu remar,
Corta as vagas, rema, rema,
Corre e vôa sem parar.

Porém não! — Cassa a vela,
Leva remos, gondoleiro,
Eis o porto do meu fado
Do meu fado derradeiro.

Vou cumprir uma missão —
Não sei mais se voltarei
Nunca digas, gondoleiro,
As vozes que aqui soltei!



— 69 —

AO MEU CUNHADO

E AMIGO

J. J. DA CRUZ FORTE.

Ó vaso doirado
D'encantos fadado
Tão bello e prismado
Nas regas d'amor —
Infiltra bondoso —
Na flôr do teu goso
O brilho radioso
Qu'inspira primôr ?

Que é della no albor
A sua alma e candor
Só tua no amor —
No peito a vibrar —
Incensa e suspira
A flôr que delira —
Que já em tua lyra
Soubeste cantar !

E sempre em tua alma
Tu sintas a calma
Do tronco e da palma
Da meiga florinha —

— 70 —

Que é tua na vida
No mundo descrida
De ti — mas — tão qu'rida
No amor que acarinha!

E assim vegetando
E sempre regando —
Com ella scismando
Não deixes crestar —
Mas sempre florir
Contigo a sorrir —
A flôr que no abrir
Quizeste adorar!

SINTO !

Não são riquezas,
Não é renome,
Não são bellezas
Que me consome —
Trago no peito,
Tão contrafeito,
A amor affeito —
Mui rude nome.

Seja o que fôr —
É um segredo —

— 71 —

Que causa horror —
Que causa medo —
Stá bem lacrado —
Tão malfadado —
Por mim gravado
Nest'arvoredo.

É pouco extenso —
É tórpe e feio —
É spinho intenso
D'impuro seio —
Outr'ora amado —
Hoje odiado —
Por ter roubado
Meu dóce enleio!

Emmudece-lo ?
Não posso! — Não! —
Vae pois dize-lo
Meu coração —
De um terno amor —
Hoje traidor —
É — «desamór!
«Ingratidão!»



— 72 —

BELLEZA SEM AMOR:

Carlinda queres ouvir
A revelação do amor
Repara, mas sem punir
O teu mesquinho cantor.
Linda és qual linda rosa
Iguálas uma deidade
No mundo não ha beldade
Á tua sem paridade,
Á tua tão primorosa.

Uma paixão lisa e pura
Gastos tempos já roubaram
Uma fé sem ser perjura
Só os antigos mostraram.
Todas nos labios candor
Affectam mago sorrir —
Castas querem difundir
Almos gozos sem sentir
Bem contrarios ao amor !

Ronca ao longe a tempestade
Ah! descóras — Já te esquecem
As promessas da amizade
Que jurastes ao trovador?!..



— 73 —

OS TEUS OLHOS:

Á Exm.^a Sr.^a D. M. Rezende.

Oh ! que lume tão brilhante
E tão meigo e tão constante
Tem teus olhos a luzir,
Brilham mais do que as estrellas
As mais fermosas e bellas —
No firmamento a fulgir !

Não são negros côr da noite
Que desses eu já descri —
Não são garços — que esses mentem
Que por elles já morri !

Nem dos pardos a magia —
Que só dizem — simpathia —
Tem seu brilho e seu fulgor —
Não ha no mundo expressão
Que designe o seu condão
Quando só fallam de amor !

São da côr qu'exprime n'alma
O transporte em doce calma
São olhos que tem sorrir !
O mundo não tem iguaes
Teus fulgores divinaes —
Sempre , sempre hei de os sentir !

— 74 —

Magos encantos revela
 V tua imagem primorosa
 Respiras o odôr da roza
 Igualas uma deidade!
 Alma d'Anjo! oh! tem piedade!....

A UHA JOVEN:

És perla doirada,
 Por Anjo engastada,
 De brilho famada
 No mundo a luzir;
 És alva pombinha,
 És meiga estrelinha
 Que o céu acarinha,
 No céu a fulgir!

És flor primorosa,
 No viço radiosa,
 No cheiro mimosa
 Na terra a florir:
 És trova singella,
 Tão pura e tão bella
 De meiga donzella
 De casto sorrir!

— 75 —

És écho sentido
 Por Anjos sabido,
 Por mim tão querido,
 No peito a vibrar:
 És doce harmonia,
 Qu'enleva, extasia
 Com forte magia
 No teu decantar!

Gemido de serra,
 Suspiro da terra,
 És tudo qu'encerra
 A terra, céu, mar!
 És sopro divino
 Tão puro e tão dino,
 Que sabes n'um hymno
 O mundo extasiar!

J. S.

À EXM.^a SENHORA

D. M. J. Peixoto.

Se eu fóra dos reis esse rei d'harmonia
 D'Achilles famoso o sublime cantôr,
 Na lyra doirada cantára ditoso
 Teus magos encantos — retrato d'amor! —

10 *

— 76 —

Se eu fôra fadado dos magos accentos
Do só Lamartine, qu'em doce fragôr
A quéda de um Anjo sublime e brilhante
Nos cantos qu'enleva cantou com primôr;

Se junto a Vaocluse eu tivera o laúde
Que o mundo extasiou em seus cantos d'amor —
Se o estylo tivera na bella Clorinda —
Do Bardo qu'inspira, — do divo cantôr;

Se eu fôra do Tejo, e do Lima e Mondego
O Cysne sem par de tão alto clamôr —
Com voz emanada do côro dos Anjos
Cantára inspirado a tua alma e candôr.

Mas eu não so'Homero, nem Cysne da França,
Nem Tasso, ou Camões — esses Bardos d'amor!
Sou Vate sem estro, nem lyra, nem musa,
Sou triste do mundo mesquinho cantôr!

UM PEDIDO.

Jonia tyranna
Fére o meu peito
Que contrafeito
Vive a gemer,

— 77 —

Deixa que prestes
Teu trovadôr
D'insana dôr
Vá a morrer!

Porém se queres
Que elle viva
Chamma altiva
Vae-lhe acender
 Dá-lhe o amor
 Porque delira,
 E só suspira
 Até morrer! —

N'UM ALBUM.

Estrella luzente dos bens primorosa
Um raio dos teus mui fagueiro e brilhante
Grava em minh'alma qu'aspira amorosa
Effluvios d'amor — que jurastes constante!
Nem Anjos — nem flôr — nem dos bosques cantôr
Igualam teu riso donoso e fragrante —
Ah! — dá-me esse riso em troca d'amor!



— 78 —

PARA QUE ME RECORDAS!

AO ILLM.º SR.

Francisco Joaquim da Costa e Silva.

On parle à son ami des chagrins de la terre....

M.^{me} EMILE DE GIRARDIN.

Já a noite bem alta
 E a lua a fulgir —
 Seus raios tão bellos
 De meigo lusir
 Nos vinham d'amores
 Seus gôzos lembrar.
 D'amores?
 P'ra que me recordas
 D'outrora o gozar?

Das flôres a flôr mais pura e mimosa
 Já tive pendida em meu lindo rosal,
 Sómente regado por Anjos dos Ceus —
 No teu lindo solo — no teu Portugal!

Gosei a fragrancia qu'eu tanto aspirava
 No calix mimoso — só nelle a brotar! —
 Tu sabes que a flôr que eu tive na terra
 Igual neste mundo não posso encontrar!

— 80 —

O MEU RAMO!

AO MEU AMIGO

Manoel da Costa Carmo.

Despidas do odôr
Que tem no primor
As flôres d'amor
Um ramo compuz
É todo singello
Meu unico anhêlo
Da côr do meu zelo
Que nellas eu puz. —

Saudades são ellas
Tão rôxas e bellas
Que só nas estrellas
Eu posso encontrar
O lume brilhante
Mimoso e fragrante
Que nellas constante
Costumo mirar !

Não tem a magia
Qu'enleva e extasia
No peito d'Armia
A roza no albôr —

— 81 —

Sorrindo-se airosa
Tão meiga e radiosa —
Qu'exprime vaidosa
Só fallas d'amor!

Não tem a brancura
Qu'exprime candura
Tão maga e tão pura
Do niveo jasmim —
Nem cravo qu'inspira
O Bardo na lyra
No odor que delira
No rubro carmim! —

Mas todo saudade —
Tem flor d'amizade —
Qu'exprime bondade —
Que tem coração —
Sem ter o que encerra
Nos odios e guerra
Do mundo e da terra
D'amarga illusão.



BENGUELINHA:

Passarinho primoroso,
E gentil, plumeo cantor,
Que d'aromas tão fragrantas
Não esparzes com candor,
Quando trinas mavioso
Neste insolito rigor
De um sol forte e constante
Suaves cantos d'amor?!

Às vezes contemplo
Do dia no albor,
Sentir o rigor
De escravo viver;

Suspiras e gemes
Em cantos d'amor,
Ah! sê meu primor
Não queiras morrer!

Anhélas no mato
Andar pelas fragas,
Viver só de bagas,
Nos ramos dormir?

Esvoaça saltando
Na tua prisão

— 83 —

Ai! tem compaixão
Não vive a carpir!

Infiltra bondoso
No meu coração
O doce condão —
Do meigo trinar;

Que juro contigo
No mundo viver
Contigo morrer,
Contigo findar!

E as azas abrindo
O plumeo cantor,
As juras d'amor,
Ouvio a sorrir —

Em magos acentos
Endeixas trinou,
Que d'alma exhalou,
Que d'alma sentio! —



— 81 —

NO ALBUM

DO ILLM.º SR.

J. J. Vieira de Carvalho.

Qual perla arrojada por vagas altivas
 De ventos batida em horrivel tufão
 Assim despontaste na terra em que vives
 Nos plainos ardentes do ardente torrão.

Qual flôr expontanea sorrindo fragrante —
 Que as mãos da procella por terra lançou —
 Assim no rigor das areias ferventes —
 Aos olhos do mundo o teu brilho murchou.

E murcha e pendida por sóes abrasada
 N'um horto privado das régas d'amor —
 Tu vives mirrada aguardando saudosa
 Um vaso doirado d'encanto e primor.

E embora o teu fado te cerque maldoso
 D'espinhos ervados d'agudo pungir
 Por terra não ficas de rojo prostrada
 Porque has de no mundo mil vezes florir!



— 85 —

TENHO FÉ!

Tenho fé na meiga aurora
No horizonte a despontar —
Quando junto a altivas rochas
Eu contemplo o argenteo mar.

Tenho fé n'uma estrellinha
Lá nos céus só a brilhar —
Quando em noite escura e feia
Vem-me a mente acalentar.

Tenho fé também na lua
Mesmo a pino a fulgurar —
Quando a sós e merencório
Vou na lyra a descantar.

Mas quando diviso uns olhos
Negros — negros a mirar
Minha fé inda é mais pura
Porque nunca ha de acabar.

Porque uns olhos negros — negros
De tão doce e mago olhar
Tem mais brilho do que os astros
No firmamento a brilhar !



— 86 —

A MINHA FLOR !

Ah ! tu ne saurais , m'oublier !
M.^{me} EMILE GIRARDIN.

Trago no peito uma flôr
Nesta amena soledade —
É a flôr que nasce d'alma
É a candida saudade.

Tirei-a de sobre um tum'lo
Onde tão bella brilhava —
E de côr tão róxa — róxa
Que o meu peito roxeava.

Tinha o mago sentimento
Qu'em minha alma exp'imentava —
Ao colhê-la a sós com ella
O meu fado consultava.

Era triste e merencoria
Nestes desertos lugares —
Qual peito que geme afflicto
Na soidão os seus pezares !

Chorou lagrimas comigo
Tão d'alma e tão pungentes
Que , qual fada , me dizia
Minhas desgraças pendentes.

— 87 —

E era tão meigo esse som
Que no peito m'echoava —
Que julgava anjo do céu
Quem nest'hora me fallava :

« Porque triste, triste sentes
« Da existencia o dissabor?
« Porque choras gemebundo
« Teus tormentos, tua dôr?

« Queres que eu Fada soletre
« Tuas magoas — tua dôr? —
« São apanagios da terra —
« É saudade — é desamor!

« Descrido assim no mundo
« Não sejas — crê e espera ;
« Pois que o tempo nas saudades
« Muitas vezes as tempera !

« Eu sou planta e tambem sinto
« Da saudade o crú rigor —
« Quanta vez de balde espero
« P'ra regar-me o horticultor?

« Quanta vez em dias turvos —
« Anhélo os raios do Sol —
« E quaes nuncios desta vinda
« Os cantos do rouxinol? —

— 88 —

« Quanta vez d'alma suspiro
« No inverno p'la primavera,
« Que tanta vida me dá —
« Nesse tempo em qu'ella impera ?

« Infeliz não és tu só
« Neste mundo d'illusão : —
« Eu tambem soffro — e não tenho,
« Como tu — um coração.

« Calla pois os teus tormentos
« Em teu peito amargurado —
« Neste teu cruel penar —
« Sê crente e resignado ! »

E assim a florinha
Tão meiga fallou —
Su'alma tão minha
Na minha roçou,
Que os prantos da terra
No peito callando —
Com ella scismando,
Meu pranto findou !



— 89 —

● CANTO DO NAUTA!

NO ALBUM DO

Ilm.º Sr. C. J. M.

De pé, só, e sobranceiro,
Em fraco, debil madeiro,
Contemplo aguas sem fim:
Miro nos céus as estrellas,
Tão brilhantes e tão bellas,
Qual resplandecente rubim.

Livre sou, navego altivo,
Sempre attento, e nunca esquivo
Às furias do vendaval;
E na immensidão destes mares
Às vezes tenho pezares,
Saudades de Portugal!

Gosto de um céu mui puro
Ou do vento ás vezes duro
No seu forte sibillar;
Quando as vagas espumantes,
Raivosas e fumegantes
Vão ao longe rebramar.

— 90 —

E em seguida a tempestade
Diviso com potestade
Retumbar em escarcéus;
E apóz do mar as aguas
Em fêras — horridas fraguas
Rasgarem nuvens dos céus !

Então lanço mão do leme ,
E com coração que não teme
Do forte bramir do mar ; —
Escuto a voz da verdade —
Do meu Deos a Magestade ,
E vou sempre a caminhar .

Rinzo as vélas ; — e se o vento
Cada vez maior tormento
Raivoso me quer soprar ;
Reservado , e sempre crente
Espero que brevemente
Suas furias vem findar .

No horisonte apóz diviso ,
Como se fôra um sorriso
D'entre uns labios de coral ,
Rasgar-se a nuvem ventosa ,
Mostrando-me a luz mimosa
Do findar do vendaval ,

— 91 —

Depois o céu matisado ,
De mil côres enfeitado
Vem-me a mente acalentar ;
Solto então todas as vélas —
E já folgo o vêr como ellas
Correm , vôam sobre o mar !

Senhor de todos os mares ,
E livre dos crús azares
Que a tempestade nos traz ;
Sobrevem-nos a bonança ,
E o meu braço ainda não cança
De volver o leme audaz !

Oh ! quanto é doce á minh'alma
Depois da procella a calma
Sobre aguas de puro anil ; —
Ver o ceu abrilhantado
Inda ha pouco carregado
Na extensão de leguas mil !

Então fresca e meiga aragem ,
Como se fôra em ramagem
Bafejada com amor , —
Incha as vélas pressurosas
Por se mostrarem vaidosas ,
Ao meu barco de primôr .

— 92 —

Navego e assim caminhando,
Na minha vida scismando,
Contemplo que sou feliz;
Porque aqui rege a natura
Um só Deus — e a mão impura
Dos homens nada me diz.

Eu não troco a minha vida,
Ainda assim tão desabrida
Nas procellas do alto mar:
Aqui falla a Natureza,
Na terra só ha torpeza,
Risos falsos d'enganar!

Mesmo exposto á tempestade
Tenho ainda a liberdade —
Senhora dos céus e mar!
Não ha aqui ferros tyrannos,
Não ha gestos deshumanos,
Para barb'ras leis dictar!

Livre sou, navego altivo,
Sempre attento e nunca esquivo
Ás furias do vendaval:
E na immensidão destes mares,
Só ás vezes hei pezares,
Saudades de Portugal!

— 93 —

AINDA A ELLA!

Armia, oh! não te exponhas
 De um Numen ao furor,
 Se as leis d'amor não cumpres,
 Teme o poder d'amor!

BocAGE.

Mulher que tanto amei, e que amo ainda,
 Não sei se Nume ou Deusa, Arminda minha,
 Anjo, Nympha, Mulher, meu ser na vida,
 Ai — recebe o meu só nascido d'alma
 Amoroso suspiro e terno e forte,
 Da mais negra saudade trasbordando,
 Qu'em aridos torrões da terra sua,
 D'Africa adusta o miserando Vate,
 Nas aureas azas de suave brisa,
 Saudoso e melancolico t'envia!

Em um monte d'arêas formulado
 No seu cume assentado e só, e triste,
 De saudades a mente acalentando,
 E no rigor de um sol ardente e forte,
 A ti meus ais, a ti meu pranto envio!

Ahi — aonde habitas, tão distante
 Do teu unico amor qu'então dizias,
 Ahi, onde feliz gozei outr'ora
 Dos mais primados gozos de ventura,
 Que a um céu d'amor extasiados,

— 94 —

Presos em corpo, e alma — ambos bem juntos,
 Descendo desta vida — o mundo inteiro
 Em ti só resumido eu divisava;
 E eu era o teu Anjo a quem só qu'rias;
 Ah! — quem sabe, se o teu peito ainda
 Soluçando por mim arfa constante!
 Quem sabe se algum verme venenoso
 Corroeu-t'o, infeliz, — tornou-te ingrata!
 Ou também se d'astuto aventureiro,
 Fementido e fallaz, e vil cobarde
 Um outro amor no adyto do peito
 T'infiltrou, e de mim ousado zomba,
 Em teus braços só meus, só meus outr'ora!!
 Mas não! — neste delirio eu crer não posso,
 Que mais do que perjura então serias,
 Tu fôras barb'ra — deshumana fôras!

Quer junto a aridas plagas —
 Quer a frondoso coqueiro —
 Quer em bosque emmaranho,
 Quer no cimo de um outeiro, —

Quer vivendo léda vida —
 Quer carpindo imiga sorte —
 As minhas juras d'amor
 Guardarei até á morte.

— 95 —

Alada mensagem
 Me venha vida —
 Arminda és fiel —
 Fiel té morrer !

E a sorte choremos
 Que avessa nos é —
 Mas não blasphemos —
 Vivamos co'a Fé !

— — — — —
D. BEATRIZ.

.... Curtio delirios vastos
 Entre tufões e abysmos !
 A. F. DE CASTILHO.

I.

Em mansa noite de prateada lua ,
 Que alvissima banhava o horizonte ,
 E com fulgor ameno reflectia
 Sobre de um rio , em suas puras aguas ,
 E qu'espalhada , alvinitente e bella
 Tambem sobre os areaes de praia amena
 Finos christaes em lagos similhava ,
 Desgrenhada , e a sós — e bella , e louca ,

— 96 —

Qual ave perseguida a curto, e á força
 Por aços matreiro — divagava,
 Banhada em lagrimas, — a largos passos;
 Soluçando d'amor, e allucinada,
 No rosto o desespero — amor no peito,
 Beatriz, D. Beatriz, qu'imprevidente,
 Com pé ousado e firme, até ás fauces
 D'insondavel abysmo arremessára,
 Por amor de um Vate — o amor de esposo.

E era noite sacrosanta —
 Esta noite de tormento,
 Ao longe ardiam tochas
 Em lusido sahimento.

D'outra extrema cavalgando
 Vinha em ginete murzello
 D. Silveira — Cavalleiro —
 Valente — aguerrido e bello.

Trajava dó e armas negras,
 Quanto negro o coração,
 Nesta brida procurava
 O seu amor e paixão.

Mas de chôfre o seu corcel
 Refreia, e faz parar,
 Porque o povo era já tanto
 Qu'impedia o galopar:

— 97 —

Porque é perto o sahimento —
 O sahimento christão —
 D. Silveira joelho em terra
 Tambem faz sua oração.

E em canticos sagrados — tristes monges
 De consternado olhar — de dôr constrictos
 D'alma funereos psalmos repetiam
 Ao morto Deus — ao redemptor do mundo!
 Que triste sahimento! — Tristes todos,
 Quer tropa e Rei, quer povo e clero — todos
 Tristes uma só dôr n'alma sentiam! —
 Té o céu qu'inda ha pouco abrilhantado,
 Com resplandentes — lucidos meteoros
 Tambem sua tristeza demonstrava
 Nas grossas nuvens, qu'em mui densas trevas,
 No firmamento prestes caminhavam,
 Mostrando um soluçar amargurado
 À terra, que tambem triste gemia,
 Ao mar qu'em vagas horridas bramava!
 Mixta scena de dôr é neste mundo
 De Christo o sahimento! —

II.

Já ía caminho novo
 D. Silveira galopando,
 Ventre em terra o seu corcel
 Novamente esporeando.

— 99 —

O ginete vacilla açodado
 Desta brida incessante e veloz —
 D. Silveira, raivoso, de um salto
 Se desmonta com gesto feroz.

Já baixavam sem brilho nas orlas
 Do horizonte os raios do sol,
 Já crepusc'lo da tarde brilhava
 Em seu mago e sublime arrebol. —

E ao longe p'la brisa açoitado
 Deslisava-se um veo côr de prata,
 Preso á coma de um corpo gentil
 Qu'extasia, revella, e arrebatá.

D. Silveira no instante o divisa,
 E não sei porque mago condão,
 Se lhe paira nos labios um riso,
 Um sorriso d'esp'rança e paixão!

Abandona o corcel, e apressado
 S'encaminha, e voz d'alma lhe diz
 Que é allí quem procura — que é ella —
 A sua dama — a famada Beatriz!

Alguns instantes mais — e um rosto pallido,
 Mudo e triste — sublime se pendia
 Por sobre rijo arnez de rijo ferro —
 Qu'immovel, orgulhoso acalentava

— 100 —

Lirio tão bello — decepado ha pouco
Por impia fouce d'afiado gume!
Tão rijo marmor recebia ufano —
De pet'las merencorias e mimosas
Mui dóce orvalho — nas sentidas lagrimas,
Da donzella gentil — nos sempre bellos —
Tristes, languidos olhos macerados!

III.

Dez annos se passaram
Novas delles não constou —
Uns negam — outros affirmam
Que o Donzel já se finou.

Que um Cavalleiro sem nome
De uma noite entre o negror —
Cruelmente o assassinára
Com ferreo braço e traïdor! —

E a dama — seus dias
Tão cheios de dôr —
N'um claustro os rendera
P'ra sempre ao Senhor! —



— 101 —

A MINHA TERRA !

(NO MOMENTO DE AVISTA-LA DEPOIS DE UMA VIAGEM.)

DEDICAÇÃO

AO MEU COMPATRIOTA O ILLM.^o SR.

Joaquim Luiz Bastos.

De leite o mar — lá desponta
Entre as vagas sussurrando
A terra em que scismando
Vejo ao longe branquejar !
É baça e proeminente ,
Tem d'África o sol ardente ,
Que sobre a areia fervente
Vem-me a mente acalentar.

Debaixo do fogo intenso ,
Onde só brilha formosa ,
Sinto n'alma fervorosa
O desejo de a abraçar :
É minha terra querida ,
Toda d'alma , — toda — vida , —
Qu'entre gozos foi fruida
Sem temores , nem pesar.

— 102 —

Bem vinda sejas ó terra,
Minha terra primorosa,
Despe as galas — que vaidosa
Ante mim queres mostrar:
Mesmo simples tens fulgores,
Os teus montes tem primores,
Que ás vezes fallam de amores
A quem os sabe adorar!

Navega pois, meu madeiro
Nestas aguas d'esmeraldas,
Vae junto do monte ás faldas
Nessas praias a brilhar!
Vae mirar a natureza,
Da minha terra a belleza,
Que é singella, e sem fereza
Nesses plainos d'alem-mar!

De leite o mar, — eis desponta
Lá na extrema do horizonte,
Entre as vagas — alto monte
Da minha terra natal;
É pobre, — mas tão formosa
Em alcantis primorosa,
Quando brilha radiosa,
No mundo não tem igual!

— 103 —

A MINHA VIAGEM.

AO MEU AMIGO

Antonio Pereira da Costa Jubim.

Só tu, e o vasto mar... e a saudade!...
GARRET.

No sonho febril da vida
Por amor fujo da terra,
Illusoria e fementida,
Só cheia d'odios e guerra:
Busco as ondas buliçosas,
Amo o rugido do mar,
Eu amo o sopro do vento
No seu forte sibillar!

Corre, corre, e sem receio
Meu fraco, debil madeiro
Não temas do mar o seio
Que é o elemento primeiro.
Não ha hi fumos vaidosos
De continuo a pullular,
Não ha peitos refalsados
Para o oiro acalentar!

— 104 —

Fadou-me a sorte Poeta,
Tenho abysmos em minh'alma,
Coração tenbo propheta,
Que me induz á justa palma.
Já que a esperança na terra
Só mentiras faz soprar,
Quero escutar a verdade
No forte bramir do mar!

Na só do mundo a vida
De perfídias não travada,
Busco segura guarida
Ao infeliz consagrada: —
É intima, pura, e unica,
Que mais falla ao coração —
É o eculo da existencia, —
É a amena solidão! —

Da terra fallaz, vaidosa
Já não quero os seus segredos,
Outra vida mais ditosa
Procuo nos mares quedos. —
Dos Ceus emmanados puros —
Magos sons quero escutar,
É linguagem que não mente,
É o rugido do mar! —

— 105 —

Sibilla , contente , ó brisa ,
Fresca brisa do meu norte ,
Nesse chão que o barco pisa
Eu não temo a fêa morte.
Incha-lhe os pannos das vélas ,
Ainda o seu navegar ,
Oh ! affasta-me da terra
Em que vivi a penar !

Corre , corre , e sem receio
Meu fraco , débil madeiro
Não temas do mar o seio
Que é o elemento primeiro.
Que t'importa a tempestade ,
A rajada e o furacão ,
Se na terra ha mais tormentas ,
Mais perfidias e traição ?! —

Temes acaso a procella
Na immensidão destes mares ?
Vê como aquella estrella
Tem fulgôres singulares !
Como é branda e tão serena
Na sua luz a brilhar ,
Como induz n'alma do crente
A seu Deos idolatrar !

— 106 —

Nestes mares o horizonte
É mais puro e matisado,
Que não sei como eu o conte
A quem não fôr desgraçado!
Não tem grimpas d'altas torres
Que vão-lhe o brilho roubar,
Tem vagas de um mar humilde
Que de perto o vae saudar!

Quem nunca deixou a terra
Para andar sobre estes mares,
Quem do coração faz guerra
Á solidão nos azares,
Não póde achar encantos
Nestes céus, e neste mar,
Não tem vida dentro d'alma,
Não tem alma para amar?

Quem as fadigas da vida
Não nas vem despir sósinho
Sobre as lóbregas torrentes,
No seu dôce murmurinho; —
Não mitiga sobre as aguas
Do seu pranto o acre ardôr,
Não póde esquecer perfidias
Nascidas do desamor!

— 107 —

Quem sobre as ceruleas ondas
Não mira d'olhar bem fto,
Não póde vêr como eu vêjo
A Imagem do Infinito!
Não gosa da formusura
D'aurora no despontar,
Quando vem com meigo orvalho
Estes mares rociar!

No assomo da madrugada,
Ou no findar do seu dia,
Não póde em lyra doirada
Cantar a melancolia;
Porque nos aquosos plainos
Tem o sol outro fulgôr,
Inda mais bello e brilhante
De mais gallas e primôr!

E p'ra o coração singello
D'atro crime nunca heivado,
Tambem tem o mar prazeres,
Tambem é idolatrado;—
Porque d'alma vae scismando,
E sempre, sempre a pensar
Nos amigos que ficaram
Nessas terras d'álem-mar!

— 108 —

Mas eis que ao longe diviso
 Entre as vagas susurrando,
 Lá na extrema do horizonte,
 Sobre o mar sereno e brando —
 Os alcantís impinados
 Da minha terra natal,
 Qu'inda pobre, tem primores
 E p'ra mim sem outra igual!

Corre, corre e sem receio
 Meu fraco debil madeiro,
 Não temas do mar o seio
 Que é o elemento primeiro —
 Não temas — qu'eis alli terra
 Onde nasci — a brilbar —
 Em suas aguas d'esmeraldas
 Lança o ferro — a repousar!

● MEU CREDO!

À minha carinhosa Mãe.

Creio em Deus e em minha Mãe,
 E na terra em que nasci —
 Os amigos me fugiram —
 Eu já d'amores descri.

— 109 —

No meu sonho desta vida,
Outr'ora por mim tão qu'rida
Já perdi a illusão —
Tudo no mundo é vaidade —
Hypocrisia, falsidade,
E n'amizade traição!

Debeis sons de minha lyra,
De minha lyra tão nova,
Canta a minha desventura,
Em singella e triste trova.
Vistam gálas de tristura
D'atro fel d'amargura
Os meus canticos de dôr —
Que só creio em Deus pod'roso,
E de Mãe o bondadoso —
Na terra unico amor!

Esses seios virginaes —
Esses labios de carmim —
Que tanto cantam os Poetas
Não nos quero para mim: —
Eu já nelles tive crença,
Mas apóz atra sentença
Sobre mim impios lançaram;
Fui amado e bem querido,
Mas que amor tão fermentido,
Foi o amor que me juraram!

— 110 —

Louco ousei acreditar
Nesses olhos de condão,
Que ás vezes mudos fallam
Dentro d'alma e coração.
Amei! — mas qu'importou,
Se ella infida renegou,
Com prejurio, com traição!
Creio em Deus, e em minha Mãe,
E na minha terra tambem —
Que de mim tem compaixão!

Riquezas? — Eu já as tive —
Nos meus tempos de outr'ora,
Hoje só a desventura
Incessante me namora.
Nunca contei inimigos,
Com ellas já tive amigos
Tão falsos como ellas são, —
Que sorriam á luz do oiro —
A só virtude e thesoiro
Deste mundo d'illusão!

Descrido assim no mundo,
Tenho só Deus — Mãe — e Patria —
Que mais quero nesta terra,
Onde a ventura é tão varia?
Heide pois cantar amores,
Que nunca digam rigores

— 111 —

Que nunca digam traição! —
 Creio em Deus e em minha Mãe,
 E na minha terra também,
 Que de mim tem compaixão!

A UNS OLHOS QUE EU VI:

Eu amo os olhos que fallam,
 Que vibram no coração.
 J. ABOIM.

Eram pretos — maviosos
 Uns ternos olhos qu'eu vi,
 Eram languidos — mimosos,
 Que por elles eu morri!
 Como nenhuns fulguravam,
 E no seu brilho mostravam
 Que docemente infiltravam
 Os amores qu'eu senti!

Seu olhar enfeitiçava,
 Com maga, doce expressão
 Quem sobre elles fitava
 Com meiga, terna paixão.
 Na terra não vi iguaes,
 Eram quaes lindos cristaes,
 Com fulgores divinaes,
 D'inspirada vibração!

— 112 —

Os olhos pardos amei ,
Pelos azues já morri ;
Mas por estes que fitei
Desde logo endoideci
Quem me déra ser senhor
Desses olhos de candôr ,
Que amaria com fervôr
Esse rosto em quem os vi.

Porem , baldada esperança !
— Esses olhos não são meus ;
Mostraram-me esquivança ,
Por ser contra as leis de Deus.
Já a outro dado haviam
O qu'elles ternos diziam ,
O amor qu'elles sentiam ,
Quaes eram os votos seus !



— 113 —

AOS ANNOS DE MINHA MULHER.

Festeja-te o lyrio e a roza—
 Dos jardins a mariposa—
 Do Trovador a canção!
 JOÃO DE LEMOS.

Minha lyra abandonada
 Despresada
 Torna de novo a afinar
 Estes teus sons dissonantes
 Mas constantes
 Que sabem n'alma vibrar!

Quando partem inspirados
 E votados
 Pela voz do coração—
 Esta voz sempre divina
 Por qu'ensina
 O d'amor mago condão!

Que condão — doce magia
 N'este dia
 Sinto em minb'alma infiltrar!
 Neste dia só d'aquella
 Que singela
 Só me soube captivar —

15

— 114 —

A mim que já esquecido
E descrido
Neste mundo de traição —
Quando d'amores sonhava
Accordava
Maldizendo a illusão!

Mas essa descrença antiga
Veio amiga
Em pura crença a mudar —
Ora já creio em amores,
Seus favores
Já me fazem palpitar.

Pulsar bem dôce e fagueiro
Lisongeiro
Ora me vem embalar —
Adeus ó tempos d'outr'ora
Que n'est'hora
Quero, quero deslembrar!

Vistam galas — mil louvores
E mil flores —
Vinde ó Nymphas espalhar —
Este dia do céu brotado —
Desejado
Vinde ó musas decantar!

— 115 —

Ajudae meu verso rude
 Meu laúde
 Neste cantico ajudae —
 Do meu laúde sósinho
 Tão mesquinho
 As cordas — dôce vibrae.

Mas eis que geladas
 Ficaram calladas
 As cordas vibradas
 Pelo Trovador —
 Que uma voz mais bella
 Mais que de donzella —
 Que dos céus era ella
 Dos céus — o primór.

Dôce melodia
 Cheia de magia
 Cheia de alegria
 Em trova cantou —
 Em canto inspirado
 Um dia dourado
 Que sempre lembrado
 Impresso ficou!

A trova perdi-a
 E o que ella dizia
 Em leda harmonia
 Não posso expressar —

15 *

— 116 —

Que o canto nascido
De um anjo escolhido
Não me é permittido
Na terra cantar.

José Justiniano da Cruz Forte.

AOS ANNOS DE SUA ALTEZA

O PRINCIFE REAL

O SR. D. PEDRO DE ALCANTARA.

DEDICAÇÃO

Ao Exm.^o Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.

Oh ! quão d'alma eu quizera o laúde
D'esse Bardo que o mundo extasiou ,
Nesses cantos que junto ao Mondego
Inspirado na lyra vibrou ,
Ousado eu cantára
Com dôce fragôr
Do dia o primôr
Tão cheio d'amor
Qu'em nós fulgurou : —

— 117 —

Dos annos ditosos,
Excelsos, mimosos —
Que a mim tão bondosos
Um canto inspirou!
Mas pobre na lyra
Sem maga harmonia
Que tanto extasia —
Que tanto delira,
Que posso cantar?
Sons d'alma nascidos? —
Abi vão . . . mas que!
Gelou-se-me a lyra —
As cordas quebraram —
E os sons que ficaram
Em accento qu'inspira
Repetem expirando . . .
Só Carta e Monarcha —
Ao Principe amor!



— 118 —

NO ALBUM

DA EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

D. M. P. de Cravella.

JÁ NÃO TENHO FÉ!

Joven e louco neste mundo —
Já gozei das illusões —
Já roubei de uns olhos negros
Meigas, ternas vibrações! —

D'olhos pardos viva crença
Em meu peito s'infiltrou —
Dos azues o mago olhar
Louco e crente me tornou!

Rubros labios de magia
Com sorrisos só do céu —
Me disseram cousas d'anjos —
Que dos anjos aprendeu! —

E depois que as azas brancas
Este anjo desprendeu —
Descri — descri do mundo —
Reneguei da terra e céu! —

— 119 —

E se ousado alguém na terra
 Me disser qu'isto não é —
 Mesmo em risco a propria vida
 Bradarei — *Não tenho fé!* —

HYMNO

AO EXGELLENTISSIMO SENHOR

Adrião Accacio da Silveira Pinto.

Nobre Accacio eis um hymno de gloria
 Em noss'alma do imo a vibrar,
 Em noss'alma, qu'ê tua d'ha muito,
 Porque nella sempre has de reinar!

Gloria a ti que nos reges bondoso
 Nestes plainos do ardente torrão,
 Onde a esp'rança já morta renasce,
 Arvorando o seu nobre pendão!

Lá ouvimos do Douro famado
 O teu nome tão alto a soar: —
 Os teus feitos não mentem — só dizem
 Que o teu brilho nunca hade murchar!

Gloria a ti que nos reges etc.

— 120 —

**Tua estrella tão maga e tão pura ,
Lá na extrema dos céus a brilhar ,
Só fadou-te na vida que levás
Altos bríos tão d'alma e sem par !**

Gloria a ti que nos reges etc.

**Nobre Accacio és fadado ! — a tua fronte
É de um Luso que sabe inspirar , —
Que do mundo essas furias da vida
A seus pés só costuma rojar !**

Gloria a ti que nos reges etc.

**Sempre foste — porque o és — e p'ra sempre
O guerreiro que soube jurar !
Tua divisa é só uma — DEUS — PATRIA —
E RAINHA na Patria a reinar !**

Gloria a ti que nos reges etc.

**E agora que n'Africa reges
Com teus mandos — teus mandos sem par —
Ouve um hymno em nossa alma brotado ,
E que d'alma soubeste infiltrar !**

Gloria a ti que nos reges etc.

— 121 —

Mesmo rudes — sem plectro sonôro —
 Um só hymno te vamos sagrar —
 São d'amor e respeito — o tributo —
 Ouve e attende o que vamos cantar :

Gloria a ti que nos reges bondoso
 Nestes plainos do ardente torrão ,
 Onde a esp'rança já morta renasce ,
 Arvorando o seu nobre pendão !

— . —

UM PENSAMENTO :

TRIBUTO D'AMIZADE E GRATIDÃO

AO ILLM.º SR.

Francisco Joaquim da Costa e Silva.

Tout mortel se soulage à parler de ses meaux !
 ANDRÉ CHÉNIER.

Em horas bem tardas de noite tremenda
 Tão triste e sósinho me puz a pensar —
 Tudo era silencio — e a terra dormia
 Nos sonhos que os homens não pôdem sonhar !

— 122 —

E eu triste, e eu só — velando no mundo
Mil torvas imagens me vinham lembrar
Meus sonhos doirados qu'eu tive passados,
E que hoje accordado não posso sonhar!

Às vezes me cria nos dias da infancia
Em ledos folguedos risonho a brincar: —
Ou quando nas horas de um somno fagueiro
Um berço d'amores me vinha embalar!

Às vezes pensava — saudoso me lembro —
Dos tempos ditosos qu'eu tive sem par,
No giro da vida que n'alma se sente
D'amor esse brado no peito a vibrar!

D'amor? — Oh! que sim — qu'eu já tive na terra
De virgem mui santa o mais santo candôr —
Eu cria em seu rosto — e su'alma tão minha —
D'amor inspirada fadou-me cantôr!

Cantôr? — Tambem sim — porque tive uma lyra
De cordas doiradas que um anjo me deu,
Por elle afinada, e qu'em trovas singellas —
Cantava na terra o meu anjo do céu!

Do céu? — Porque não! — Se a terra não tem
Quem tantas virtudes pudesse conter —
Seus olhos tão meigos diziam candura
Qu'eu nunca julguei neste mundo sorver!

— 123 —

E o amor que na lyra tão d'alma cantava
 No pó do sepulchro p'ra sempre morreu !
 Morreu para mim — morreu para o mundo ,
 Que um anjo não morre voando p'ra o céu !

E a lyra doirada de tanta harmonia
 Seu brilho murchou — e seu canto sumiu
 Nas sombras tão negras da vida que levo —
 Nas dóres que d'alma meu peito sentiu !

Assim pois não tenho lyra
 Qu'em suas cordas desfira
 Mago accento que delira
 No imo do coração —
 Porque vivo gemebundo
 Soltando um ai profundo
 Que me faz descer do mundo
 Nesta triste solidão ?

« Ó minha lyra doirada
 « Quem te fez tão malfadada —
 « Rouca , triste , e destemp'rada
 « Porque não queres vibrar ? —
 « Chora embora a desventura ,
 « Mas crê qu'inda a ventura ,
 « Na tua sina futura
 « Hade de novo voltar ! »

— 124 —

« Não queiras assim teimosa
« Esquecer a luz saudosa
« Da strella que ora nublosa
« Já te não póde inspirar !
« Afina , de novo , ó lyra ,
« Canta , canta , ó sim suspira ,
« Entre nuvens de saphira
« Em delirante trovar ! »

E a minha lyra chorosa
Cada vez mais desditosa
De sua alma luctuosa
Mui frôxa nota soltou —
E já quasi moribunda ,
E nesse pranto qu'innunda ,
Quando ha dôr n'alma — profunda —
Expirando assim vibrou : —

« Sonhei no mundo venturas
« Venturas não encontrei —
« Pedi á terra amizade —
« Amizade eu não achei ! »

E triste e pungida
A lyra estalou —
Suas cordas quebraram —
Seu canto findou —
E minh'alma afflicta
Sua morte chorou !

— 125 —

A SUA Magestade EL-REI

O SENHOR D. FERNANDO II.

29 de Outubro de 1850.

Ergue ó Bardo a tua voz , mesmo rude ,
 Tivra á lyra os seus vôos d'amor ,
 Régia fronte descanta em teu plectro
 Estro e lyra inspiraê teu cantor !
 Iguaes sons aos dos Vates qu'inspiram
 Desferidos com mago primôr
 Façam échos que o mundo repita—
 Este dia é p'ra nós de fulgôr !
 Rei FERNANDO os teus louros virentes
 Nunca pôdem na terra murchar ,
 A virtude em tua alma é mui nobre ,
 Nascem d'alma os teus dotes sem par ,
 Dignos cantos mereces dos Lusos ,
 Ouve , ó Rei , o meu pobre cantar :

No dia de hoje , raiando n'aurora ,
 Eu tive um desejo p'ra mim sem igual
 Eu quiz uma lyra que fosse doirada
 Par'eu d'annos regios cantar um natal.

— 126 —

Oh! sim, que me lembro quem hoje na Lysia
 Incensos só d'alma lhe vão consagrar —
 É nobre a sua fronte — é nobre a sua alma —
 E eu pobre do mundo que posso offertar?

Mas lá onde habitas, tens c'rôas de loiros,
 Que alembra de um Rei as mil tradiçõs —
 O Rei — és tu só, que em magas virtudes,
 Gravaste n'um povo mil nobres pendões!

Se o Sado não clama o seu brado — Victoria! —
 A paz — e a esperança que fazes brilhar,
 Tambem tem mil nobres padrões nessa historia,
 Que ao mundo ha de um dia mui alto soar!

Nas plagas ardentes da terra em que vivo,
 No solo fervente do adusto torrão,
 Nem lyras, nem Bardos não ha que descantem —
 Eu mando os desejos do meu coração!

Offerta bem pobre — mas d'alma tão viva
 Que as furias da terra não pódem crestar —
 As fiôres só murcham — os cantos s'extinguem
 Mas échos do peito não pódem murchar!



— 127 —

NO ALBUM

DO MEU AMIGO

A. P. da Costa Jubim.

Ah! si ma faible voix pouvait chanter!..
DELILLE.

Se eu fôra qual Cicero fórte clamára
Se qual Fénêlon ao mundo escrevêra,
Se eu fôra grão écho a todos vibrára,
Se Vate sublime na lyra tangêra: —

Como troantes vibram em minha alma
Dos accordos de uma harpa sonora
Inda, seus magos sons, seus dúlios cantos!
Oh! quão meigos e suaves são teus carmes,
Quer endeixas d'amor só modulando,
Quer á saudosa Pátria, aos Paes queridos,
D'amor sentida lagrima enviando!
Ou, como quando alado Homero finges
No rouxinol fagueiro, que prateia,
Ou que sorri ditoso em léda vida!
Ou tambem, como quando ao desgraçado,
Carpindo acerba dôr — seus males cantas,
Mitigando com balsamo suave
Que lhe embebes no adyto do peito
De tanta desventura já chagado!

— 128 —

Tudo — tudo em ti é harmonia !
Em ti fadou o Archanjo da Poesia
Seus dedos de carmim , suas azas d'oiro ,
Inspirou-te hardimento e melodia ,
Consagra-lhe o teus cantos e prosegues
No espinhoso caminho que trilhaste.
Seja a tua divisa Deus — e Pátria !
Mas , se forçados sons , com vil lisonja ,
E em trôco d'oiro vil , na lyra tua ,
Queimando incensos pôdres decantares ,
Quebrando a lyra , deixa de ser Vate !

E já que não sou affamado Poeta ,
Nem Cíc'ro , nem écho , nem grande escriptor ,
Recebe sómente a dôce amizade ,
Que pura t'a offerta mesquinho cantor .



— 129 —

A SUA MAGESTADE FIDELÍSSIMA

A SENHORA D. MARIA II.

DEDICAÇÃO.

4 de Abril de 1850.

Se eu fóra o Bardo — esse cantor de Thebas,
Com voz canora a lyra eu só tangêra —
D'Africa embora em terra miseranda
Dôces hymnos de gloria eu só fizera!

E se ás nuvens roçar não posso a aza
Tão branca — branca desse Vate ingente,
Do peito um canto rebentado n'alma
Vibrar eu quero á quem á lusa gente,
O nome de — **RAINHA** — *é grato ao peito!*

E a par do canto tão mesquinho e rude
Que ousei vibrar na pobre lyra minha,
Grinalda mui mimosa em viço e côres
Tecer me cabe!

Mas que? — se rosas de flôres mimosas
Não tem esta terra na terra a sorrir —
Só goivos pendidos chorando saudades
Me alembra um rosal que eu só vi a florir!

— 130 —

Não importa — que o peito de um Vate mesquinho
Tambem nelle brota do lyrio a candura ,
Regada por cantos sumidos no peito
Echoando na terra de su'alma a fé pura !

É pois esta flôr colhida em silencio
Qu'em c'róa mimosa só posso offertar ,
Embora as demais o rigor as desfolhe , —
O rigor do meu sol na terra a queimar !

Seja emfim só o meu canto
« Amor — respeito — e gratidão » —
Que é singello e tem encanto ;
Porque falla o coração —
Porque nelle existe um brado
Puro — puro — e bemfadado —
Que traz sempre recordado
Da gente lusa o — BRASÃO ! —

A UM MENINO:

DEDICAÇÃO

Ao Illm.º Sr. Dr. Joaquim Cordeiro Feio.

Gentil infante — és tão bello
Que nos labios mago anhêlo

— 131 —

Constantemente sorris!
Tua face mimosa inspira
Ao Trovador que na Lyra,
Na Lyra cantar-te quiz!

Nos olhos teu brilho é tanto
Que é magia, e dóce encanto
Teu celeste e meigo olhar!
És a flôr em viço e côres —
Que mais me falla em amôres —
Que mais me soube inspirar!

És d'alva a estrella fulgente
Que n'aurora da vida ingente
Mais no mundo eu vi brilhar!
És o écho da montanha
Qu'em tufão de dura sanha
Vem á terra retumbar!

És sopro de dóce brisa
Quando no albor se desliza
Na madrugada a raiar, —
Que mansamente correndo
Vai na folhagem batendo
Com seu forte ciciar! —

És a esperança da vida,
Sem procella desabrida,

— 132 —

E em flôr a desabrochar !
És o suspiro que falla
No coração em que estala
A corda do desamar !

És do crente a forte crença—
De todo o peito que pensa
No porvir da nossa Cruz !
És a imagem mais cabida
Dessa pureza só tida —
Só tida por Deus — JEZUS ! —

És condão de Fada pura ,
E de teus Paes a ventura
Só neste mundo a brilhar ! —
E inspiração delirante
Do Laúde dissonante
Em que costuma a vibrar !



— 133 —

NO ALBUM

DA EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

D. Maria Paula da Gama Teixeira.

... Mais fuis d'un monde étroit l'impure turbulence ; —
Là — rampent les ingrats — là règnent les méchants !
VICTOR HUGO.

Canto pobre e sem magia
 Qu'extasia,
Quero d'alma e com fragôr —
Só tanger na minha lyra
 Porque a inspira
A voz santa do Senhor!

Se sob este firmamento
 Teu alento
Peste insana quer fanar —
Tens n'aurora d'hoje o dia,
 De valia,
Que soubeste recordar!

Porque és a vaga que geme
 E só freme —
Frisando em rude areal —
Ês a flôr de brilho tanto
 Que és encanto
Do teu lindo Portugal!

— 134 —

És a estrella só vagando ,
Descórando
Em negro e estranho céu —
És qual perola , ou saphyra ,
Que respira
O condão que Deus te deu !

És murmurio em fonte pura —
És ventura
Dos que lêem no coração —
És só desses viva crença —
Lucta immensa
Dos rostos de maldição !

E quer vaga , estrella ou flór
Teu candôr
Nunca pôde emmurcheçar —
Só labios impuros dizem —
E maldizem
Com satânico poder !

Não pôdem — que turba louca
De voz rouca
Vae sumir-se no trovão
Do clamôr da humanidade
Que a impiedade
Lhe estampou a maldição !

— 135 —

Que o dizer de condemnados
 Já julgados —
Só merece a compaixão :
Que d'alma sorrir ao crime
 Só exprime
Da blasphemia a só missão !

Tambem Christo nobre e forte
 Crua sorte
Sobre negra cruz gemeu —
E a um grito furibundo
 Deste mundo
Turba insana o escarneceu !

Mas como elle — brilho novo
 N'outro povo
Terás sempre a fulgarar —
Que em deserto — e terra ardente
 Impia gente
Não te póde idolatrar !

Ouve pois — estrella — ou flôr —
 Com fervôr
O meu rude decantar —
É mui d'alma e mui singello —
 Pobre anhélo
Da minha lyra a vibrar !

— 136 —

Crê no amparo do consorte
Qu'impia sorte
Não te póde deslustrar!
Nelle tens a crença e amor —
E eu cantôr
Para nunca te olvidar!

FIM.

— 137 —

INDICE.

	<i>Pag.</i>
Dedicação ao Exm. ^o Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.	9
A minha terra.	12
Revelação de um sonho.	20
Amo o silencio da noite.	24
Uma noite de Natal.	27
No album da Exm. ^a Sr. ^a D. C. A. C..	30
A uma creancinha.	31
Uma recordação.	33
A Ella.	35
À saudade.	40
A minha Estrella.	42
Era um Anjo.	44
A uma menina.	46
Ella a sorrir,	50
O seu retrato.	52
Eu ouvi.	54
A queima de um bosque.	56
Recordação.	57
Porque podes duvidar?	61
Improviso.	62
Carlinda.	63
Em que estás tu a pensar?	65
O Batel.	67

	<i>Pag.</i>
Ao meu Cunhado e amigo J. J. da Cruz	
Forte.....	69
Sinto!	70
Belleza sem amor.....	72
Os teus olhos.....	73
A uma joven.....	74
Á Exm. ^a Sr. ^a D. M. J. Peixoto.....	75
Um pedido....	76
N'um album	77
Para que me recordas.....	78
O meu ramo.....	80
Benguellinha.....	82
No album do Illm. ^o Sr. J. J. Vieira de Carvalho.....	84
Tenho fé.....	85
A minha flôr.....	86
O canto do nauta.....	89
Ainda a ella	93
D. Beatriz	95
Á minha terra.....	101
A minha viagem	103
O meu Crédo.....	108
A uns olhos que eu vi.....	111
Aos annos de minha mulher.....	113
Aos annos de Sua Alteza o Principe Real o Sr. D. PEDRO DE ALCANTARA. — De- dicção ao Exm. ^o Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.....	116

— 139 —

	<i>Pag.</i>
No album da Exm. ^a Sr. ^a D. M. P. de Cravella — Já não tenho fê.	118
Hymno, ao Exm. ^o Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.	119
Um pensamento! — Tributo de amizade e gratidão ao Illm. ^o Sr. Francisco Joaquim da Costa e Silva.	121
A Sua Magestade ElRei o Sr. D. FERNANDO II.	125
No Album do meu amigo A. P. da Costa Jubim.	127
A Sua Magestade Fidelissima a Sr. ^a D. MARIA II. — Dedicção.	129
A um menino. — Dedicção ao Illm. ^o Sr. Dr. Joaquim Cordeiro Feio.	130
No album da Exm. ^a Sr. ^a D. Maria Paula da Gama Teixeira.	133

ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
10	10	Qu'inda mais fôra,	Qu'inda mais rica fôra,
11	12	qu'escrevestes	qu'escreveste
17	16	afanoso	ufanoso
66	22	Revelar-me etc.	Revelou-me etc.
89	9	Qual resplandecente	Qual resplandente
96	1	Curto	Custo
<hr style="width: 10%; margin: 10px auto;"/>			
75	17	J. S.	Não deve lêr-se.



INTRODUÇÃO E EDIÇÃO
POR FRANCISCO TOPA

ISBN 978-972-98629-8-4



9 789729 862984